FILOSOFIA E ESQUIZOFRENIA

Isso que vou relatar agora é bastante confidencial! Sei que meus amigos não vão ler... Minha filosofia tem vindo através das verdades que me vêm pelos ouvidos, verdades essas que ninguém mais escuta. Tento acreditar que sem cálculo algum vou ao platô ou ao firmamento de minhas ideias íntimas pelo prazer de ser único. Isso tudo tem-me surpreendido quando não me reconheço nesse turbilhão de desfortúnios das mais estranhas sensações de vida. Algumas dessas verdades vêm-me sugerindo suicídio; está em minhas possibilidades a decisão mais séria a ser tomada na minha vida, e me deixo atormentar pelo que me é tão natural e penso um pouco no meu futuro, que teme a morte.

Alerto e influencio as pessoas mais vulneráveis em relação ao caos dissimulado de nossa existência sem objetivo. Alguns deles, que são poucos, consideram-me, talvez, um grande filósofo. Mas o que eu gosto é de rir da cara deles, deles que me dão ouvidos. Se não me dão ouvidos fico transtornado com a apatia das pessoas, isso é imanente de minha mente. Sou um demônio que atenta as pessoas induzindo-as ao mal? Vou a um bar e encontro meus amigos, os que mais me escutam, outros só querem uma noite do prazer de uma boa bebedeira. Levo tudo muito a sério, apesar de ser uma brincadeira que provoca o raciocínio bêbado das pessoas; algumas delas discordam e é então que a confusão começa.

Mas eu não estou aqui para falar sobre minhas verdades sacras...

Um fato inusitado ocorreu-me hoje: em uma manhã agradável e úmida; as nuvens negras retinham os raios solares; um pensamento, uma necessidade ou uma frustração por ter saído da cama tão cedo; em função de meu emprego que exige muito de mim, que me suprimia a contemplação dessa sensação matinal maravilhosa; até que enfim, ergui os olhos. Poucas pessoas na rua: que fantástico! No entanto um grupo de acerolas vinha caminhando pela praça, uma bela praça arborizada com árvores frutíferas e ornamentais. As acerolas rolavam pelo chão, umas pulando sobre as outras, outras se dispersavam mais do conjunto, mas todas formavam uma unidade móvel atrás de uma grande acerola, talvez seja a líder.

A grandiosa acerola conduzia a turma que vinha mais atrás em minha direção, pulou em minha mão e junto com ela uma fervorosa acerola pulou no bolso da minha camisa, as outras pulavam sobre os meus pés.

Eu comi a acerola líder que veio procurar afeto em minha mão.

Filosofia e Esquizofrenia

Inácio Frota da Silva

Filosofia e Esquizofrenia

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catalogação da Fonte

S586f Silva, Inácio Frota da.

Filosofia e esquizofrenia / Inácio Frota da Silva. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.
78p. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-15-5.

1. Literatura brasileira – Contos. 2. Valores românticos. 3. Conhecimento. I. Título. II. Série.

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-34

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

AGRADECIMENTO

Esta obra fechada de literatura agradece sua dignidade a Deus e aos pais do autor: Durval de Andrade Maia da Silva e Judite Frota da Silva.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O programa "Edições Governo do Estado", que deu a público mais de seiscentos títulos, recuperando textos perdidos em poucas estantes, reeditando clássicos, abrindo oportunidades para novos autores, ganha agora estímulo maior com o conjunto de ações que integram o "Mania de Ler", um conjunto de audaciosos projetos para promover o estímulo à difusão do livro e da leitura, inspirado pelo governador Omar Aziz na busca de ocupar um vazio que se fazia sentir na política pública de cultura que o Estado articula com a sociedade amazonense.

Resultado de seleção realizada por edital, Inácio Frota da Silva com seu "Filosofia e Esquizofrenia" chega ao leitor ao mesmo tempo da inauguração da Bienal do Livro do Amazonas, projeto que há de ser um impulso dentre vários outros para o incremento da leitura e da circulação de livros no Estado.

São contos que o autor construiu como passados em Manaus pelo ano de 2006, em cartas que vão compondo, ao mesmo tempo, o cenário urbano, a paisagem humana, nos quais Ícara, Pedro e Apolo servem ao autor para o que ele chama de "uma odisseia pelo interior humano", de que trata logo na introdução do livro. Cada um tem seu jeito próprio de falar e tem suas questões a pôr diante do mundo e dos outros homens. Manaus e a realidade atual estão presentes em todos os contos, e, mais que isso, as questões do cotidiano íntimo dos seres humanos.

Não há subterfúgio na linguagem. Não há tom acadêmico nem laudatório. É uma conversa de cada personagem consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Não sei se o título dirá ao leitor, com precisão, as questões de fundo que se inserem em cada carta, em muitos momentos da narrativa.

Inácio Frota da Silva soube chegar.

Robério Braga

INTRODUÇÃO

Uma odisseia humana

Isso que vou relatar agora é bastante confidencial! Sei que meus amigos não vão saber... Minha filosofia tem vindo por meio das verdades que me vêm pelos ouvidos, verdades essas que ninguém mais escuta. Tento acreditar que sem cálculo algum vou ao platô ou ao firmamento de minhas ideias íntimas pelo prazer de ser único. Isso tudo tem-me surpreendido quando não me reconheço nesse turbilhão de desfortúnios das mais estranhas sensações de vida. Algumas dessas verdades vêm-me sugerindo suicídio; está em minhas possibilidades a decisão mais séria a ser tomada na minha vida, e me deixo atormentar pelo que me é tão natural e penso um pouco no meu futuro, que teme a morte.

Alerto e influencio as pessoas mais vulneráveis em relação ao caos dissimulado de nossa existência sem objetivo. Algumas delas, que são poucas, consideram-me, talvez, um grande filósofo. Mas o que eu gosto é de rir da cara deles, deles que me dão ouvidos. Se não me dão ouvidos, fico transtornado com a apatia das pessoas, isso é imanente de minha mente. Sou um demônio que atenta as pessoas induzindo-as ao mal? Vou a um bar e encontro meus amigos, os que mais me escutam, outros só querem uma noite do prazer de uma boa bebedeira. Levo tudo muito a sério, apesar de ser uma brincadeira que provoca o raciocínio bêbado das pessoas; algumas delas discordam e é então que a confusão começa.

Mas eu não estou aqui para falar sobre minhas verdades sacras...

Um fato inusitado ocorreu-me hoje: em uma manhã agradável e úmida; as nuvens negras retinham os raios solares; um pensamento, uma necessidade ou uma frustração por ter saído da cama tão cedo; em função de meu emprego que exige muito de mim, que me suprimia a contemplação dessa sensação matinal maravilhosa; até que, enfim, ergui os olhos. Poucas pessoas na rua: que fantástico! No entanto, um grupo de acerolas vinha caminhando pela praça, uma bela praça arborizada com árvores frutíferas e ornamentais. As acerolas rolavam pelo chão, umas pulando sobre as outras, outras se dispersavam mais do conjunto, mas todas formavam uma unidade móvel atrás de uma grande acerola, talvez seja a líder.

A grandiosa acerola conduzia a turma que vinha mais atrás, em minha direção, pulou em minha mão e junto com ela uma fervorosa

acerola pulou no bolso da minha camisa, as outras pulavam sobre os meus pés.

Eu comi a acerola líder que veio procurar afeto em minha mão.

Todas as outras estavam desesperadas. Eu vi em suas manifestações no momento em que se jogavam com vigor e sem medo contra o meu corpo. Confesso que temi algo terrível dessas pequenas acerolas.

Percebi então a vibração da uma acerola que estava no meu bolso, a peguei como em estado de pânico jogando-a para bem longe. Ela caiu no asfalto, quicou três vezes, rolou e parou perto de um bueiro. A acerola transmutou-se para outra condição; eu não a reconhecia: ela ruborizou, dilatou, fermentou, cresceu e pulou para dentro do esgoto, atraindo todas as outras acerolas que novamente formaram uma unidade móvel que agora pulavam para um lugar não tão apropriado para deliciosas frutas; tudo isso enquanto eu retirava da boca e jogava as sementes de acerola no chão.

Mas não vim para falar sobre minha manhã de hoje, meu senhor...

Passei por muitas galáxias para estar lá; fui para levar a sua mensagem. Voltei, mas com um certo receio... Você é para mim uma certa ilusão nesse palácio de mármore; branco como o infinito e o nada. Dizem no mundo dos escritores que entrar aqui é ser esquizofrênico e quem não se arrisca entra em uma gaveta escura e depressiva.

Vou dar início ao meu relato. Melhor assim...

Lá, vi que os deuses encaminhavam os comprimidos da verdade aos ETs por pombos. Muitos dos pombos eram devorados por aves malignas. Os comprimidos caíam sobre o sangue das plantas carnívoras ceifadas pela velha senhora que possuía em seu curral três vacas leiteiras, dois bezerros e duas cabras.

Uma vez que os comprimidos da verdade caíam sobre o sangue das plantas, adquiriam uma coloração avermelhada. Os urubus apareciam e comiam tudo o que tinha referência a sangue. Transportavam em seus estômagos os comprimidos da verdade ao mundo dos poetas, onde defecavam.

Logo apareciam os colhedores de preciosidades, onde revirando as fezes dos animais, adquiriam os comprimidos. Eles se vestiam de preto, usavam fitas vermelhas em suas mãos, identificando a pureza de seus espíritos e panos dourados em volta de seus pescoços, identificando suas naturezas lúdicas. Quando colhiam o suficiente, encaminhavam os comprimidos à criança que fica sentada no cume da montanha, isso depois de uma longa caminhada por vales e desertos, atravessando

pontes de madeira e de corda. Lá, colocavam os comprimidos na cesta de palha que fica ao lado da criança, que logo era ornamentada com flores e joias; incensos e velas são postos em um velho castiçal que logo são acesas. Tudo no absoluto silêncio.

A criança jogava um comprimido para o homem ajoelhado diante do abismo que o separa da montanha, em um planalto.

O homem, em posse do comprimido da verdade, logo o consumia. Em poucos segundos, seu rosto ia ficando desconfigurado; era como se estivesse derretendo; sua pele caía ao chão em pedaços. Degenerado, o sangue e seus órgãos saíam para fora com aparência de pus e espuma branca; enquanto fervia o peito do ser, lançando fumaça negra aos céus. Seu cérebro saía do crânio como uma água turva. Todos os órgãos excrementados do corpo do homem finalizavam a mutação quando chegam à forma de uma água cristalina, ao redor de apenas do que restou de um homem: o esqueleto. A criança esperava no alto da montanha o próximo homem.

A água cai pelo abismo até chegar em outro planeta, formando lá um rio que rega toda a extensão de um poderoso país que tem domínio sobre a maioria dos outros países. Os países que se recusam à submissão do país grandioso vivem com grandes privações; são países miseráveis que passam fome e sede, que não têm forças para defender seus territórios sobre os países que vão avançando.

E por tudo isso que eu narrei anteriormente ficou claro que não há destinatário para a correspondência, então eu trouxe sua mensagem de volta, meu adorável SENHOR.

O SENHOR poderia pedir aos seus serviçais me trazerem mais uma taça de vinho? Tenho certa saudade dos tempos dionisíacos...

Passei pela esfera do livro da vida e trouxe para lhe entreter, enquanto bebemos o vinho, algumas histórias de três pessoas que achei interessantes. Vou tentar lhe contar em certa ordem dos fatos, começando pelas estórias de Ícara.

Contos de Ícara

Contos de Ícara

INTRODUÇÃO AOS CONTOS DE ÍCARA

Eu tive uma sensação de que todos os meus pensamentos de toda a minha vida estavam errados, desde o momento em que me diagnosticaram com transtorno bipolar. Percebi que todos os meus amigos tinham evidências do mesmo transtorno. Eu tenho tomado os medicamentos, mas minha condição está no entorpecimento dos sentidos, e sem isso me sinto sem vida. Eu tenho ficado preso a essa condição boêmia e a maior dificuldade tem sido a finalização da noite, pois se no dia eu não fui um rei, o dia deveria ser deletado com muita bebida, mas essa cidade é pobre culturalmente, com toda a cidade fechada para aqueles de vida noturna; odeio o sol e gosto de dias chuvosos e escuros.

Não podia ser melhor. No dia em que me deixei levar pela noite, conheci uma mulher: Ícara, em um bar, e eu tive de a seguir de bar em bar. Ícara me seduziu com a forma como pensa e com seu poder feminino que ela sabe dominar com grande arte. Eu não sabia o que estava fazendo atrás dela, pois ela era tão centrada em si com sua mente perturbadora atrás de algo, talvez atrás de uma noite perfeita e sem tempo para perder. Mas eu insistia em tentar entendê-la, e é isso que eu não deveria fazer, mas uma justificativa para isso, que demonstra meu caráter promíscuo, tem sido o fato de eu ter sempre deixado a vida real passar à frente dos acontecimentos enquanto eu ficava para trás.

Foi difícil fazê-la olhar para mim, sua velocidade de pensamento era tremenda, seu olhar que tudo vê, sua audição apurada; sua forma de seduzir para fazer uns otários pagarem uma cerveja. Deixei-a em sua casa várias vezes, quando muito bêbada não conseguia nem andar. E no dia seguinte ela se perguntava como havia chegado em casa, e ela não sabia com certeza; mas ela não se importava com isso, pois seu destino é esse mesmo. E isso me sensibilizava; convertia-me em sua crença de autodestruição. Eu tenho convivido com isso por muito tempo, parei um pouco para recuperar a saúde e sinto que ainda preciso dar uma volta pelo lado negro da cidade de Manaus.

Ícara, o seu perfume me leva ao caminho da verdade, não finja para mim, querida, eu sei que você é louca; faça-me faça lembrar nossa cumplicidade eufórica quando tínhamos o prazer de destruir a cidade colocando o mar no céu... e nossos planos de entrarmos num foguete para morrermos no espaço, que nunca deram certos. Mas ela me

alimentava de vida. Andei pensando na possibilidade de ficar sem ela, então escrevi algo como um poema: onde estou quando estou com você, diga algo para eu acreditar, o que vem à minha mente quando estou com você, que droga substituirá isso em mim?

Ícara dizia: "A humanidade é tão nojenta que... e eu não posso ser da mesma espécie dessas pessoas!". E isso me sensibilizava bastante e atraía-me! Ela tinha uma melancolia que em mim estaria se libertando.

A mãe Celestial apareceu ao meu lado, sentou-se na minha cama e eu me transmutei em uma criancinha. Ela passava a mão em minha cabeça cantando uma canção de ninar. Há muito tempo tenho sofrido de insônia, mas a mãe Celestial não vem sempre. Acordo me perguntando: o que fazer durante o dia? Nada... Amaldiçoo cada dia que começa... Tenho dificuldades para dormir como se tivesse algo a fazer inadiável; espero meu cérebro virar pudim diariamente, com meus nervos acelerando progressivamente durante o dia. Tento invocar a mãe Celeste, mas desisto.

Hoje, dei-me conta de que estive muito tempo com os pensamentos nas dores poéticas. Há muito tempo os dias eram iguais, e eu reclamava! Agora, eu, ainda jovem com dores mortais, me pergunto: como suportaria esses dias vazios. Eu vou relatar com minúcias o que realmente aconteceu para eu estar tão transtornado, sem minha musa querida.

Era noite, todas as estrelas eram visíveis no céu negro. De longe se via as luzes no vapor que paira sobre a cidade de Manaus. Estávamos numa praia do rio Negro, de uma comunidade do interior que fica na outra margem do rio em relação a Manaus.

Vários bebiam, fumavam maconha, tomavam banho de rio e outros tocavam instrumentos musicais. Quando todos haviam se recolhido, ficaram somente Ícara e eu na praia. Percebi que seu semblante estava negro e sedente de suicídio. Com aquele impulso suicida, sem nenhum calculismo, entrou na água. Eu a contive segurando-a pelo seu braço, mas ela me agredia afirmando que seu destino é morrer afogada. Eu a deixei ir para ver até onde ela ia. Ícara realmente foi para o fundo e eu a trouxe de volta mediante seus murros e joelhadas no saco. Ela disse: "Não posso voltar para a rotina do dia a dia". Ela tirou seu biquíni de banho, ficando nua nas águas do rio Negro. Tive o cuidado de não perdê-los para que ela podesse se vestir novamente. "Eu não posso continuar, chegou meu dia". Tudo o que ela falava sensibilizou-me muito, baixou sobre mim toda sua melancolia e dei-lhe razão para seu

intento. Larguei seu braço e me dirigi para a praia; talvez tenha sido um vacilo momentâneo de minha parte, mas nunca vou me perdoar por perder alguém tão especial que era a minha "querida", entre aspas porque era a forma como eu a chamava. Ela sempre aparece nos meus sonhos e sempre a amarei. Dei um tchau ao ar... A loucura vem para fugirmos da morte, mas ela tinha como pagar por ambas. Eu fiquei com as peças de banho dela na mão e sentei-me na praia, com aquela velha depressão com o luzido da lua. Infortúnio!

Manaus, 15 de julho de 2006.

Primeiro conto de Ícara

Entrei no ônibus pela porta da frente na distração do motorista, logo depois fitou-me perplexo e manteve-se calado. Sentei ao lado de uma mulher jovem, que logo mostrou-se confusa e enrubescida; levantou-se e caminhou até próximo à porta de saída e lá permaneceu.

O movimento estava estranho à minha volta, elas são desse tempo e desse espaço: são pessoas limitadas pela dimensão que as comportam (isso todo mundo sabe!).

As pessoas me olhavam pelos ombros; mas havia um homem que me aborrecia, pois me colocou no foco de seu campo visual com perseverança, me saboreava e queria que eu soubesse que desejava intimidades comigo. Eu o ignoro como venho colocando todos abaixo de mim desde que me internaram viva sem meu consentimento.

Aqui, as pessoas são mutistas: poucas ousam dialogar nessa condição onde mostram que são pessoas transgressoras, pois querem apresentar posse de espaço e poder nesse ambiente coletivo; aqui, as pessoas são herméticas: nessa situação devo permanecer vigilante, pois meu assassino está sentado no banco de trás e está me observando, posso senti-lo na brisa expelida por seus pulmões que vibram na minha sensível região nucal.

Viro meu rosto, vejo pessoas atônitas, elas mostram o que são, percebo sem esforço suas personalidades objetivas, de uma por uma e em unanimidade sinto em seus olhos como são personas covardes, tímidas e inválidas.

Mas eu estou aqui, parada, muda, tranquila. O que veriam em mim, se não estou apresentando-lhes nenhum de meus atributos, sejam bons ou maus; essa que é a forma ou a única forma que têm para avaliar ou julgar uma situação quando insistem em não se apresentarem em estágio de inexpressão ou em indiferença ao que não conhecem, assim e somente com essas duas qualidades avaliam as outras pessoas: boas ou más. Pois estou parada, muda, tranquila... Como podem me compreender se nada de mim é manifestação? Sou introspectiva... Espere um pouco... Minha aparência me condena... Minhas roupas mostram muito de mim, estou vestida com o que sou... Identificam minha tribo e selecionam os meus amigos, inimigos e os estranhos. A cor da minha pele identifica minha estirpe, minha classe, minha família...

Sabe o que acho em relação ao preconceito? Uma grande besteira, pois não podemos odiar o outro em função de sua cor e sim todos os que não sejam você mesmo. Eu sou o que há de mais magnífico nessa existência... Não ligo para o resto, pois não posso chorar por cada pessoa que chora nesse imenso mundo.

Uma velha sentou-se ao meu lado, fitou-me enquanto eu observava o movimento da rua. Vi no reflexo do vidro da janela sua enrugada face preocupada. Esta anciã me incomoda; virei-me, olhei nos seus olhos como quem fala: saia de perto como tem feito os outros! Mas ela abriu a boca e falou: Use sutiã, minha filha, seus peitos vão encontrar a barriga!

Mas como essa senil é estúpida? Como ousa, além de sentar-se ao meu lado, ainda a exprimir tal desfortúnia lamentável? Não permiti que figurasse em meu rosto nenhum sinal comunicável.

Mas, com esta, devo sinceramente revelar minha presente situação que procurei omitir desde o início: estou nua... E sei que estou frustrada, já que não consegui desvincular dos outros nenhuma forma de julgamento em relação à minha pessoa interior. Acham-me louca... É assim que agora me julgam? Louca!

***

Manaus, 31 de agosto de 2006.

Segundo conto de Ícara

"Veja nesse jornal o que diz meu signo, hoje".

Eu estava lendo um jornal quando senti essa frase... Seria comigo? Sim! Era uma moça que se sentou ao meu lado, com seus olhos de súplica esperançosos em uma resposta amigável.

Eu odeio os jovens!

Pensei, enquanto a fitava, se eu poderia ignorar sua imperatividade e o seu estar ao meu lado enquanto ela bebia uma xícara de café.

Acho que já estou velha... Talvez não sei o que é ter vitalidade, como tem essa mulher de pouca idade. Ela deveria saber que evito chefes e ordens, já recusei e pedi demissão de muitos empregos... Mas ela não pode saber nada da minha vida, dessa forma não deveria me incomodar! Mas a questão é que minha atenção é solicitada de forma que poderia me pagar pelo meu tempo cedido, mas ela nunca iria pensar que teria essa obrigação para com o meu tempo. Ela é uma garota muito mimada e talvez deva ser uma "programadora de blazer do mercado financeiro!".

Eu tenho tempo para ela e com certeza posso fazer tanta coisa pela minha vida e pela minha família, não tendo um emprego que cansa e que consuma muito tempo de vida.

E essa energia que ela possui seria útil para algo que não fosse em função de futilidades juvenis? Poderia ser para mim uma dúvida que muito fatigaria minha cabeça; no entanto, penso se poderia me recordar de algum contraexemplo. Mas caso não encontrar um contraexemplo, não poderei me deixar induzir em senso comum. Creio, sobretudo, que existam infinitas coisas que ainda podem vir a ocorrer com caráter inédito e ou em tempo anterior perceptivelmente desconhecido.

Creio também na necessidade de destruir o mundo e todas as convenções que comportam tudo o que me é nocivo à vida. E conduzir tudo o que poderia ser belo, essencial e naturalmente às condições de sanidade para um orbe de construção de uma vida de valor. Isso é uma das coisas que ninguém ensina para ninguém; outra é o conceito de liberdade; outra é o valor das necessidades imanentes do ser humano em contrapartida às necessidades inventadas... E ainda há outras definições de que não me lembro agora e as que não sei... No entanto, a princípio procuro fugir do padrão: servir e consumir. Isso deve ser evitado em estruturas mais complexas, como o mercado global, nacional, estadual

e ainda municipal; mas cultive o servir e consumir dentro de uma comunidade isolada, familiar e melhor ainda: solitária.

Todo esforço revolucionário é uma manobra de seres otimistas que se manifestam por objetivos ou por glória própria. Existe motivação mais forte que as suas que os poderiam levar a uma situação singular de mártir? Poderia ser para mim uma dúvida que muito fatigaria minha cabeça; no entanto, penso se poderia me recordar de algum contraexemplo. Mas caso não encontro um contraexemplo, não poderei me deixar induzir em senso comum.

Tenho uma tendência grandiosa ao pessimismo; com que motivação me poderia suprimir todas as minhas dúvidas e subir em um palco à frente de pessoas pequenas, mesmo que sejam passivas em receptividade de novos argumentos? Mesmo em dúvidas, se eu acreditasse em algo grandioso no humano que seja altruísta, eu poderia ter uma forte motivação por tal esforço que poderia definir uma nova sociedade.

O que seria demasiado humano quando intentamos tal projeto? O que seria demasiado humano nessa finalidade? O que seria demasiado humano nesse ser social que porventura doravante colocariam outros valores e outras morais?

Seria eu uma moralista? Sim, sempre devo ser moralista. Porque agora posso defender minha moral.

É claro que isso só seria possível se meu senso visse no homem o engano do meu pessimismo. Isso me é na verdade também uma dúvida que muito fatiga minha cabeça.

Sempre me pus no centro do mundo de minhas dúvidas. Seria eu o único referencial? O que eu poderia ser se me dessem uma outra infância e ou uma outra condição? Talvez isso deva ser uma fuga... Essa seria uma fuga inócua quando podemos conhecer outras possibilidades? Posso ser enfim independente das drogas, que é para mim a única fuga que ora me convém, ou são uma necessidade do humano que ninguém diz que é realmente necessário e que, ao contrário, procuram combatê-la?

Duvido na vida, em verdade, de tudo o que é ou que poderia ser mutável e frágil. Se ficar velha e idosa, é uma constante da minha natureza, figura-se toda uma atrocidade assídua sob a qual estou submetida. Isso definiria já o meu pessimismo, que entre outras razões me vêm com força que me priva de ações políticas. Que a política fique para as pessoas otimistas, se é que são realmente otimistas; em todo o caso, que a política fique para os ambiciosos.

Todavia, não posso aceitar ser a vítima nesse constante conflito social; mesmo em dúvidas devo agir; não devo fugir a nenhuma porrada, a não ser por benefício próprio. Lutemos enfim por nossas verdades subjetivas, irmãos! Isso é o que eu não devo revelar a ninguém que poderia vir a ser meu oponente. Então... É agora que devo ser moralista! Isso me é uma ferramenta de dissimulação, porque tenho meus objetivos, e, sobretudo, sou má!

Estou hoje preocupada com minha debilitada saúde que vem definindo o meu signo. Sinto o meu destino nas bulas dos medicamentos que me drogam, me entorpecem, me consomem os neurônios e que mantêm vivo essa estrutura já gasta pelo atrito de tudo o que me tem agredido nos últimos anos da história da humanidade.

Veja essa pessoa... Quanta inteligência! O que eu saberia por intermédio de sua condição se transferisse para ela o meu referencial do qual posso perceber o cosmo? O que ela me diria?... Talvez não diria nada...

Mas eu posso induzir o que quero sem que fale alguma coisa; vou observá-la simplesmente, vou analisá-la em constância. Isso não seria útil... Que besteira, a minha! Já que o que quero não se transmuta por esse espaço irreal e apenas sensitivo. O que eu veria nesse espaço coletivo no qual toda a subjetividade complexa de cada ser está em constante estado de conflito; vejo simplesmente um iminente caos generalizado.

Logo devo concluir que, conforme já tenho me sensibilizada sem levantar essa reflexão: odeio os jovens.

O que devo fazer com essa garota que está me perturbando? Não sei!

Estou feliz por pouco tempo ter recuperado minha sanidade mental. Tenho sido muito agressiva nesse passado próximo. Mas o que devo fazer mediante esse conflito explícito? É claro que sempre estamos sujeitos a esses conflitos, talvez não me deva perturbar com isso.

Não posso ter emoções fortes... Controle-se! Será que posso desconsiderar isso? Seria eu capaz de ser compassiva? Até que ponto ou limite devo ser gentil? Enfim, essas seriam dúvidas que turvam a correta definição de minha personalidade! Não conheço simplesmente minha personalidade, talvez ainda não a tenha definida.

Teriam as outras pessoas essas mesmas dúvidas? Estariam todas as outras pessoas dissimulando todas essas dúvidas em sorrisos amigáveis?

Talvez eu deva me acomodar mais! Não posso ter emoções fortes... Não posso forçar o meu cérebro...

Enfim, acho que vou dar a ela a folha do jornal que a interessa. Vou para casa tomar meu medicamento.

***

Manaus, 17 de outubro de 2006.

Terceiro conto de Ícara

Toda reflexão sempre considera umas ideias e omite outras infinitas.

Merda! Essa garrafa tem sempre que escorregar da minha mão? Tudo bem...

Lua, lua... astro que desperta grandes sentimentos nostálgicos, incomuns em quem não tem tempo para levantar a cabeça. A velocidade do dia e da informação veluda o leito dos desgraçados servidores, otimizados em prol do desenvolvimento e manutenção das cidades... Eles também contribuem com os seres sonhadores e intensos... Sim! Eles constroem as pontes que me permitem a outra margem do igarapé; eles estão nas lanchonetes que me proporcionam saciedade em dias de ressaca; eles estão nas indústrias com seus ofícios alienadores produzindo os DVDs que eu costumo alugar; eles estão trabalhando... Por mais que pareça ser, eu não sou marginal e muito menos uma parasita, eu faço arte!

Perfeito! Iluminação lunar era o que eu queria; como saciou minha angústia! O abastecimento de energia elétrica também falha, como tudo o que é certinho, de terno, gravata e tudo mais também falham! Veja como as pessoas precisam de candeeiros e velas! Não somente eu devo sofrer com muita frequência de descrédito. Maravilha!

Penso em vinho, em fumo e em tudo o que poderia vir a ser uma representação abstrata. Essa imensidade insuportavelmente real nunca poderia me entender! Penso em minha gastrite e em minha sinusite... Não preciso de poesia, preciso de sobriedade e de realidade! Não preciso de piração, preciso de tranquilidade!

O cheiro de vinho é maravilhoso. Minha vida tem sido uma constante sensação utópica.

Sou um papel em branco de muitas possibilidades, um mundo caótico que brinca de descrever em uma perfeita ordenação de ideias. Minha vida tem sido um fluxo de reflexão... Sou muito sábia e inteligente... Com certeza!

Sempre venho recordando do acidente que uma amiga minha sofreu recentemente, isso me tem transtornado bastante... Estou hoje

pessimista e insistentemente pessimista. Acho que vou precisar de mais vinho. Sempre irei precisar desse sabor na minha vida!

Aquelas três pessoas estão me observando e rindo da minha cara, por sinal! Devem estar pensando que sou a pessoa mais devassa que conhecem. Elas poderiam estar pensando que estou sempre em posição desconfortável nesse gramado, por eu estar sempre demonstrando minha inquietação e angústia... Nunca mais vou transar com dois!

É... Dádiva!... Meu mestre? Quem... Saber. Estou com fome, talvez?... Vermes! Eu deveria ser rica... Sou da Nobreza e em constância... Sono... sempre sono!

Ah! Eu poderia continuar beben... mas eu vou deitar-me aqui...

...Nossa! O sol está quente! Verão simplesmente ou o sol está sempre quente? Quanta luminosidade e sensação de suor! Meu cabelo... como está rebelde!? Sei que não sou tão vaidosa assim! E essa grama umedecida e toda essa sensação de fogo... A garrafa de vinho ainda pela metade deitada sobre minhas pernas... ambas não violentadas, vibrando e produzindo calor!...

Bebamos o vinho!... não! Vou comer alguma coisa... Preciso comer algo: um x-salada talvez seja mais acessível. Tenho dois reais... talvez seja o suficiente! Aqui próximo tem uns lanches abertos que são careiros... Vou caminhar um pouco, eu sei onde tem um x-salada de dois reais.

Não acredito! O amor da minha vida a poucos metros... Preciso disfarçar... Ele não pode me ver assim! Não! Não... Ele está vindo! Estou lascada!

"– Oi! Por onde andava? Você é realmente uma louca!".

"– Oi! Tudo... tudo bem?"

"– Tudo. Como sempre, com uma garrafa de vinho barato na mão. Sabe que lhe venho observando ultimamente?"

"– Nossa... estou toda envergonhada, agora!".

"– Saiba que você não me tem descrédito algum. Adoro o seu espírito livre. Você vem a mim como um sonho ou como a resolução última na qual procuramos em vida. Eu venho pensando em tudo o que há de belo no mundo, em todas as sensações agradáveis. Nessa árvore que levanta seus galhos lodosos na nossa frente e creio, sobretudo, na grandiosidade da vida... Um imenso e pomposo espetáculo! Maravilhoso! Veja aquelas flores! Espere um pouco... para você".

"– Que lindas flores! Adoro flores".

"– Eu sabia que iria gostar... não pude escolher com mais atenção em uma floricultura a mais ideal e conveniente para você, mas essa espontaneidade é maravilhosa, não achas?"

"– Você é muito romântico! Sabia?"

"– Romântico, claro! Formidável...".

"– Você é muito romântico, mesquinho, pequeno e bobo!".

"– Uau! Como você é fabulosa!".

"– Por que você não encara a podridão da vida sem frescura alguma? Sabe o que isso significa?... Você já sentiu fome na vida? Você já foi torturado? Você é só um cara novo e bonito que tem dinheiro! Muito sonhador, por sinal!".

"– Você acredita que eu deva sofrer?"

"– Não! Claro que não, meu amor. Sabe... eu preciso de mais uma garrafa de vinho!".

"– Claro! Claro! Vamos ali no mercadinho comprar".

"– Maravilha, querido...".

Por que eu sou assim tão ácida? Queria poder ser mais singela... não! Sou a personificação da potência em si, um ser grandioso que precisa de uma garrafa de vinho para distrair meus pensamentos napoleônicos.

"– Aqui está, querida. Preciso ir agora".

"– Já vai?"

"– Já".

"– Não queres beber comigo?"

"– Tenho um compromisso agora. Vou ao hospital visitar meu pai".

"– Então, tá bom! Tchau!".

"– Tchau!".

Mais uma garrafa de vinho... Maravilhoso! Voltemos ao úmido gramado fabuloso da praça.

Viver intensamente essa sensação matinal é maravilhoso... Vinho e sol, árvores florescentes e... que sentimentos de estar tão inusitados, simplesmente... isso... estar bêbada... Tudo, talvez possa ser uma tortura ou um martírio...

***

Quarto conto de Ícara

Ultimamente tenho feito experimentos com misturas de remédios controlados com bebida, alguns funcionaram; em um deles, com meu consciente em sono profundo, perambulei pela minha casa com ações de total loucura: não acertando a porta, tentava passar pela parede; eu fumava cigarros sem estarem acesos; procurava biscoitos no guarda-roupa, entre outras coisas. Fiquei sabendo de tudo ao acordar de meu sono profundo pelos meus familiares.

Minha mãe tem escondido os meus medicamentos, ela quer me dar conforme a indicação médica, mas eu sei dar um jeito de consegui-los com a finalidade de me entorpecer. Minha psiquiatra me pergunta se eu quero me autodestruir, eu me mantenho calada. Ela me perguntou sobre as cicatrizes que tenho nos braços e eu respondi: eu me queimava com cigarros para aliviar a ansiedade!

Eu fico pensando e lembro-me de que eu realmente tinha de ter falado aquilo; falei e guardo remorsos que a realidade não traz para mim, mas eu me martirizo... Por que tem de ser assim?

Acho que sou medíocre em tudo por ter a cabeça em todo lugar. Tenho um turbilhão de projetos na cabeça, mas todos eles não chegam a se concretizar.

Vou para o meu quintal e me rastejo na lama formada por dejetos de diversas coisas em decomposição entre as plantas; meus pais, atônitos, falam: "saia dessa porcaria". E eu dizia: "sou parte da natureza!". Minha mãe ficava horrorizada me vendo como um animal rastejante.

Alguma coisa me aflige, mas permaneço calada e não tenho a resposta. Sei que a medicação não mudaria os meus pensamentos, mas farão eu esquecer quem sou eu? Quero apenar um medicamento para eu ficar hibernando, parece que sinto ter essa necessidade.

Com o caos a conduzir-me, selei com a dor um pacto: ela me dará vida intensa nos lúgubres cantos da cidade, nos bares mais podres, nos recantos de bebuns sem esperança.

Estou andando por uma rua do Centro, nessa noite agradável com uma garrafa de vinho na bolsa, que não seria da mesma forma se fosse de dia?

Já saí de uma noite de bebedeira parando em um hotel barato do Centro, onde, ao entrar nele, havia na rua somente os seres disformes da noite e, ao sair do hotel com o cabelo despenteado, com cara de ressaca, encontrei-me no meio de toda aquela correria do dia, sobretudo, eu

estava de botas e trajes inapropriados para o dia. O que pensam de mim essas pessoas que me observam; vêem- me como uma perdidazinha?

Preciso encontrar aqueles meus amigos de merda, escritores baratos, e não estou fim de falar nada de literatura, quero apenas que a noite me leve e com todos eufóricos tentando esconder suas angústias e suas vidas ocas.

Não vou voltar atrás em minhas decisões, sou muito orgulhosa para dizer a ele que ainda o amo, mas minha libido tem me trazido diversos homens que os manipulo como eu quiser. Sei que não tenho nada para procurar, sem filosofia de vida, sem expectativas e, por mais que eu insista, sem algo para me iluminar.

Mas eu sou o sol, e isso realmente tem se comprovado, sou expansiva e tenho centralizado as conversas em torno de mim. As pessoas ou gostam ou odeiam-me. Tenho planos de viajar para Paris e isso, até então, seria o cume de meus planos. Tento seguir por essa fétida cidade de Manaus, que está sempre fechada; enquanto eu transbordo vida, poesia e vômitos, que carrego comigo levando-os para fora do mundo real.

Hoje, vou sair para me drogar; há muito tempo tenho precisado disso. Vou para a praça onde os *junkies* se reúnem. Não sei como vou me enturmar, mas sei que os semelhantes se reconhecem de longe. A noite está nublada e venta muito, trazendo uma iminente chuva... Não há ninguém na praça! Talvez eu deva ir para o Centro; lá conheço pessoas que têm seus canais.

Tive de abortar recentemente um filho meu; eu preciso realmente me drogar hoje.

Os remédios já não fazem efeito; tenho-me intoxicada; tenho os olhos pesados e dias sem dormir. Talvez eu deva conhecer outros ares. Eu gostaria de experimentar absinto...

Ontem me encontrei com Pedro; ele falava de suas dores poéticas e sobre a lua; eu falava sobre a falta de acontecimentos em minha vida, apesar de eu ter uma legião de pessoas que colocam em prática meus devaneios; falei sobre as cicatrizes em meu braço feitas com cigarro, a princípio seriam para aliviar a ansiedade, mas logo adquiriu outro significado, que é a necessidade de me acostumar com a dor. Pedro e eu já tivemos um caso há muito tempo. Tenho meus sentimentos por ele guardados, mas temos convivido bastante bem toda vez em que nos encontramos em um bar; sempre com aquela sensação de que a noite nunca vai terminar ou será a última de nossas vidas.

Eu vou beber hoje, para justificar minha vida. Eu estou tão acostumada com as dores da sobriedade que hoje preciso estar diferente. Talvez na outra vida eu seja uma pessoa normal.

Nessa vida pequena e passageira não devemos nos preocupar com um grande amor; devemos aceitar o mal, pois ele nos assume! Que a princípio nos assuste e nos faça colidirmos com nós mesmos descobrindo nossos segredos, emba ralhando as certezas e encarando o que mais nos aflige: ele nos assume.

Estou tão decepcionada comigo mesma, que muitas lembranças vêm como fantasmas para tirar-me o sono normal. Estou, com certeza, dependente de remédios tranquilizantes.

Uma pessoa que vi na rua me chamou a atenção. Ele transparecia uma certa tranquilidade (talvez seja a pessoa que estou procurando), mas nunca mais vamos nos encontrar no meio desse turbilhão de pessoas da cidade.

Minha mãe diz: seja feliz, minha filha!

E eu vou por caminhos largos e estéreis.

Tive um sonho: era como se eu estivesse morrendo, e eu não estou lembrando-me no momento. Eu estava realmente só, e sem dúvida só. Estou pensando em terminar tudo isso... O passado aflige-me muito. A rotina me mata e propõe um pacto de vida adulta que eu não devo aceitar.

Fui visitar uma espírita; ela disse-me que minha morte está próxima. Foi com essa frieza que ela disse-me algo que eu deveria me horrorizar. Eu até esqueci esse acontecimento. Realmente, sou medíocre em tudo, por ter a cabeça em todo lugar.

Tenho lembrado de uma estória... a estória de que o uirapuru estará sempre cantando para as mulheres; eu nunca ouvi esse canto, e tenho levado minha vida na bebedeira.

Estão invadindo o prédio, os caras que querem matar-me. Devo esconder-me ou pegar minha arma? Eu vou esperar eles subirem para eu dar o bote! Tenha coragem, Ícara! Tenha coragem, Ícara! Tenha coragem, Ícara! Mas o que houve? Eles estão demorando muito! Talvez já tenham ido embora, mas devo manter-me em alerta... Estou me sentindo presa nesse apartamento. Sinto-me perseguida. Encaro o mundo como algo perseguidor, não era assim antes. Não sei o que mudou, na verdade. Estou com minha arma na mão e pronta para a luta. Quero ver aqueles infelizes entrarem no meu apartamento.

Tudo tem de ser eu sozinha. Vou ao supermercado; mas sempre em vigilância, pois estou em território do inimigo. O mundo inteiro faz planos para desvirtuar-me a dignidade. Eu e Deus, sozinha no deserto!

Vai chegar um momento em que tudo isso vai parar e eu estarei rindo da cara do mundo. Com meu vestido mais bonito irei presenciar tudo de perto: a cidade pegando fogo; pessoas em correrias do jeito que elas gostam, depois de criarem esse mundo que não para: esse mundo moderno. Mas mesmo assim sinto a cidade tão lenta para mim! E tudo isso não passa de uma necessidade de uma vida noturna, onde todos os espíritos estão soltos.

Contos de Pedro

Contos de Pedro

Manaus, 26 de outubro de 2006.

Primeiro conto de Pedro

– Acorda, Pedro! – com muita atenção a seu filho, gritava Marta, fora do quarto de Pedro, atrás da porta fechada. – Acorda, Pedro, você precisa trabalhar, menino!

– Preciso mesmo trabalhar?! Não tenho nada a narrar em relação a isso. Nem uma opinião, na verdade, em relação a meu caro Pedro.

Leitor, você se importaria se eu pulasse o desenrolar desse acontecimento e omitisse toda as descrições que abrem qualquer conto? Sei perfeitamente que isso implicaria diretamente na dificuldade de abstração dos acontecimentos. Eu não vou me prender a isso, simplesmente.

Pedro é vil! Precisaria de uma garrafa de vinho para tentar dissimular isso. Mas eu sou um narrador onisciente; ele não me enganaria.

O telefone toca.

Pedro hesita em atender.

Ele atende.

– Alô!

– Oi, Pedro! É a Ícara. Você me desculpa por tudo o que falei naquele dia?

Pedro entra em êxtase.

– Há quanto tempo a gente não se fala, querida?! É claro que eu lhe desculpo.

– Vamos beber hoje? Só você e eu!

– Vamos! No Centro? Oito horas da noite, pode ser?

– Tudo bem. Beijo. Tchau.

– Beijo. Tchau – desliga o telefone. – Você traz a mim toda uma nova vida que eu sempre andei procurando nos bares da cidade.

Pedro, desde seu último contato com Ícara, nada via de maravilhoso na vida. Sua felicidade tem sido uma constante masturbação; uma insistente necessidade de luz!

(...)

Em um hotel barato da cidade, Ícara e Pedro transam.

(...)

Ícara e Pedro dançam e caem bêbados.

(...)

Ícara e Pedro bebem vinho, cerveja e conhaque. Hoje é o último dia de suas vidas.

(...)

Ícara diz para Pedro: Eu te amo, querido! Pedro paga a bebida de todos do bar.

(...)

Dias e dias, amores e conflitos: Eu te amo, meu amor!

(...)

Dois loucos: duas vidas suicidas e egoístas.

(...)

Enfim.

(...)

Enfim.

(...)

Em um hotel barato da cidade, Ícara e Pedro transam.

(...)

Tudo bem!

(...)

Pedro foi para um bar do centro da cidade, pois sabia que lá encontraria Ícara.

– Vamos beber, querida! – diz Pedro. – Estão brigando ali do outro lado da rua. Não entendo por que fazem isso. Não consigo entender! É até perigoso ficarmos aqui; da outra vez, jogaram uma garrafa nessa coluna.

É como voar na pedra... Pessoas brigando, amando, bebendo, fumando, cheirando, declamando poesias, cantando, dançando, conversando, falando em casamento e tudo mais que poderia acontecer entre as pessoas em comunidade. Vejo muita mediocridade, pessoas livres e bêbadas; muitos aqui não precisam ser vaidosos: sabem perfeitamente que o amor ou aquela pessoa idealizada não está em um bar.

Esse Pedro é mesmo perturbador. Estou aqui narrando seu relacionamento com a Ícara, mas ele insiste em falar! Fala muito, sobretudo muita besteira. O que Ícara viu nesse merda de homem?... Escutemo-lo falar agora:

– As pessoas vivem somente para consumir – diz Pedro. – A vida é um grande consumo... – Sim! As pessoas vivem consumindo água, comida, sexo, recursos naturais, o mundo e minha paciência também! E depois, quando morremos, só deixamos lembranças. Vá logo tirar uma

fotografia desse seu rosto singular para eu vir sempre a lembrar-me desse augusto ser!

É como voar na pedra.

Pedro é superior, insistentemente superior, invariavelmente superior. De um mundo longínquo e superior; disforme e grotesco; animalesco e insistentemente superior.

Lá, as cores são transparentes, a luz é opaca, o cheiro é de sabor amargo; horrível, por sinal!

***

Manaus, 13 de novembro de 2006.

Segundo conto de Pedro

Pedro apresentou-se a mim em meu escritório, em posse de seu currículo; queria se empregar. Estava, ele, bem vestido, com cabelos penteados, olhar alegre, muito cortês e humilde.

Tive a impressão de já o ter visto anteriormente. Era-me muito familiar. Pedi para sentar-se. Ofereci água e café. Ele pediu um copo com água, pois já estava cansado de tanto andar, deixando seus currículos nas portas de fábricas e empresas.

Perguntei se frequentava os bares do Centro. Ele ficou envergonhado e pensou na possibilidade de mentir, mas confessou que sim. O que confirmou minha suspeita, pois eu já havia bebido cervejas com ele. Nessa ocasião, no bar, havíamos conversado sobre artes, filosofia e religião. Ele apresentou-se como um artista plástico.

Sei perfeitamente que ele queria me impressionar, talvez ele realmente seja um artista, mas, em todo caso, sei que queria levar-me para um motel. Não conseguiu! E agora ele não está me reconhecendo. E vem a mim pedindo emprego com seu currículo vagabundo.

Sei muito dele... ele não me reconhece e posso colocá-lo sob meus pés. Vou empregá-lo!

***

Manaus, 6 de fevereiro de 2007.

Terceiro conto de Pedro

Eu estava deitado em casa, doente... um inválido!... Reflexões vinham-me com bastante frequência enquanto eu fitava o teto com imagens formadas por infiltrações na laje; via coisas que em outras situações poderiam ser uma vela com sua chama resplandecente, mas agora essa imagem parece-me um pênis enrijecido e esfolado. Isso me é uma angústia, sendo que estou agora em uma situação de invalidez. Penso que isso poderia se estender por toda a minha vida ou pela eternidade; imagino que minha dor de cabeça esteja consumindo os meus neurônios, posso talvez, com isso, perder a razão!

Vejo que com essa sensação desagradável da enfermidade, inevitavelmente deprimente, regula-se todas as pessoas por mais diferentes e loucas que sejam a seguirem uma única linha de resignação e medo perante a dor; diria que se tornam pessoas mais HUMANAS! Eu sinto meu corpo pesado; minha mente ronda por reflexões, ideias e pensamentos otimistas, procurando justificar de qualquer forma meu estado de invalidez construindo em mim sentimentos de fraternidade, moral, ordem, progresso e de sanidade mental, social e coletiva. Eu deveria, talvez, me deixar levar por esse momento doente em construção de ideias que progridem a pessoa em uma escala da EVOLUÇÃO HUMANA E MORAL, mas eu sou um SUPER-HOMEM e inevitavelmente SUPERIOR! Sei que devo tomar meu remédio de oito em oito horas e manter-me CHAPADO nessa e em outras situações para me livrar de pensamentos e reflexões em momentos de invalidez.

Eu também deveria estar CHAPADO para ir trabalhar.

Bati meu ponto de saída às dezessete horas. Como de costume, antes de sair, vago por um estado de insanidade, tendo meus colegas de trabalho como testemunhas; falo besteiras e mando sutilmente todo mundo para o inferno.

Quando chego em casa, digo aos meus pais como o meu emprego massacra-me e suga-me ao ponto de transparecer os meus ossos. Eles sempre falam que eu devo ter juízo e tranquilidade.

Hoje, no entanto, quando chequei em casa, merendei e arrumei-me para ir a uma *lan house* pesquisar e matricular-me em possíveis concursos públicos oferecidos. O meu emprego destroi-me, mas eu vou

dar um jeito de lascar com essa grandiosa organização, que é minha empregadora.

Caminhando na rua, dois cachorros pequenos, talvez sejam filhotes, avançaram em minha direção enquanto latiam. Eu falei: PASSA! PASSA! Eles chegavam bem próximo sem morder, mas com latidos assustadores que me induziam ao medo pela possibilidade de uma mordida em minha perna. Pensei em atacá-los com uma caneta que estava na minha mão, mas eles são tão baixinhos, que seria inconveniente perfurá-los violentamente... Pensei em chutá-los... e agora a presença de seus donos, que se aproximavam, intimidava-me... quando de repente uma cadela (que talvez deva ser a mãe das criaturas) avançou em direção aos desmiolados, os reprimindo enquanto empurrava os dois cães para trás, colocando fim nessa perturbação. Poderia ser uma lição de mãe para com seus filhotes, mas eu tive uma instantânea sensação de que a cadela seria a minha mãe que me protegia.

O resto do dia tem sido maçante. No dia seguinte, procurei mudar minha forma de pensar. Agora, nessa minha posição, acho que eu poderia me reservar de ser um bom provocador com base em meus estudos de filosofia. Eu, no entanto, quero, agora, procurar ser simpático, entender e adaptar-me da forma que me vem vantagem, por mais maquiavélicas que sejam as minhas atitudes, no meio desse conjunto de pessoas estranhas e insanas.

Quero expulsar do âmago a febre da VONTADE; acho que posso viver com uma outra felicidade. Penso como um morto escrevendo isso. Odeio o fato de eu não poder modelar o meu subconsciente. Penso agora que está tudo bem! NORMAL! Insistentemente normal!... ABSURDO: QUEM INVENTOU ESSA PALAVRA? Isso surgiu de uma manifestação artística? Veio simplesmente na filosofia? Na matemática?... Já ouvi muitas vezes essa palavra na matemática; e lá tem algum sentido, mas eu inquieto-me porque tenho certeza de que a matemática é um mundo pequeno, feito sobre definições de conjunto que obedecem a algumas propriedades, postulados e axiomas; tudo inventado e manipulado de forma que tenha ordem, perfeição e alguma conveniência. ABSURDO: essa palavra vai algum dia sair dos conjuntos dos matemáticos?

O objeto-arte precisa estar nas galerias; precisa de atenção e a concentração dos espectadores. O artista utiliza técnicas, floreados, virtuoses, dedicação e muito trabalho minucioso e tudo com muita precisão para IMPRESSIONAR! Os outros falam: "Oh! Que maravilhoso!". Mas isso é tão "limitado"... como minha sensação de vida.

Repudio os políticos corruptos! Odeio os estupradores! Ignoro os traficantes e os policiais! Sei que todos os moralistas não têm corpos joviais para mostrar! Gostaria de matar esses e outros também...

Muita coisa angustia-me... Penso que a vida é oca. Mas, no entanto, não esqueço que quero prazer, uma flor vermelha para beijar e lábios rubros de batom que sorriem para mim. Preciso dar um jeito de sair dessa cama, dessa invalidez!

***

Manaus, 1.º de fevereiro de 2007.

Quarto conto de Pedro

Ele empregou-se como motorista em uma empresa de transporte coletivo. Na sei com que razão colocaram esse demente para conduzir pela cidade todas essas pessoas indefesas e inocentes (também são todas loucas, mas isso não importa agora).

Um fato não tão normal vale ser citado aqui no início deste conto. Trata-se de que, toda vez que Pedro passava por uma rua estreitada pela quantidade de carros estacionados, quebrava, ao passar todos os retrovisores, insistindo na necessidade de limpar a via. Por conta dos gastos com manutenção de retrovisores, acreditava que estava trabalhando de graça.

Ele é do tipo que precisa sempre estar vigiado.

Não que ele seja perigoso, na verdade devo ter um grande afeto por ele, que nunca entendeu do que se trata. Ele é muito volúvel. Gostaria de ficar sabendo por onde ele anda; com quem ele sai e, no entanto, ficamos dias sem nos vermos.

Certa vez, nos encontramos em um bar perto de minha casa, ele estava com sua namorada, a Ícara; sentei em outra mesa.

Eles brigaram; ela foi embora; ele veio para minha mesa; conversamos futilidades.

Pedro e eu estávamos já muito bêbados e precisávamos descansar, Como não tinha como ir para sua casa, levei-o para a minha.

Tínhamos em minha casa apenas uma cama de solteiro; Pedro deitou-se primeiro, quer dizer: caiu na cama com toda aquela roupa que pesava em seu corpo; tirando apenas os sapatos.

Horas depois, ele acordou e abraçou-me; olhou para mim e ao encostar seus lábios em minha face, como que perplexo pelo que estava acontecendo, afastou-se e tirou seu braço de cima de meu peito delicadamente, esperando não me acordar; fechou os olhos e dormiu a noite toda com a vontade de que tudo aquilo deveria ser esquecido.

Pedro resolveu seguir um curso de resignação, temia desde aquele momento por uma boa saúde, e tudo sem o amparo da crença em algum deus ou credo. Comia pouco, pois temia as bactérias; não bebia nada alcoólico, pois acreditava que precisava ficar sempre em alerta e não podia ficar distraído enquanto toda a humanidade tem fome, enquanto amolam suas facas de cozinha; não fumava mais, sabia que... não! Eu o

vejo fumando esporadicamente... mas isso é relativo... considerando o que ele fala, parou de fumar, também.

Quando Pedro era mais jovem, a presença de espírito de seus pais reprimia-o e por essa razão, talvez, tinha muita facilidade de desvincular-se de vícios; agora, no entanto, ele é livre e não sabe o que poderia coagi-lo para largar os seus mundos aleatórios e difusos. No intuito de provar sua força e superioridade, fica alguns dias com a percepção da natureza humana aguçada, contemplando a natureza: esse espaço que é grandioso, variável e tedioso para quem tem poucos anos de vida. Acaba evocando alguma doença, mesmo sabendo quanto seria insuportável, para inibir suas vontades ou necessidades.

Isso tudo, entre outras coisas, é tudo o que ele fala para mim na mesa de um bar, e sempre insistindo nessa conversa enquanto puxava um trago de cigarro para seus pulmões, que não param de expelir catarro. Eu digo a ele: você é um poeta... um poeta marginalizado... um poeta que quer gritar; romântico, sonhador, que se dá tempo para essas reflexões; mesmo que tenha todos os dias úteis comprometidos com o emprego. O nosso valor para as outras pessoas são os nossos salários e o nosso grau de utilidade para a massa. Você e eu somos marginais e isso nos torna humanos...

Eu sempre pensei que formaríamos um casal perfeito, mas ele não sente tesão por mim e acredita que quero apenas as cervejas que ele pode pagar; eu não sei como inverter essa situação.

Chequei em um bar do centro de Manaus em torno das dez horas da noite e dei de cara como toda aquela monótona região de porto enluarada, com uma fantástica e perfeita cidade bêbada e jogada na sarjeta. Pedi uma cerveja; acendi um cigarro; esperei o troco; observei a quantidade de...

Pedro está sentado em uma mesa mais à frente... Já tenho minha companhia da noite, e que maravilhosa companhia!

Falei: "Oi! Tudo bem? Posso sentar?". Puxei minha cadeira, coloquei minha cerveja na mesa. "Tudo bem!" – ele respondeu. – "Só um momento!" – falou, enquanto permanecia olhando para uma velha árvore, após alguns segundos olhou para mim. – "Você precisa conhecer o Napoleão" – ele disse. "Já conheço" – soprei ao vento, desinteressadamente, junto com fumaça de cigarro, olhando para o lado. – "Não é o Bonaparte; ele sempre vem aqui e agora está lá no banheiro, cheirando pó" – falou excitado, com os olhos brilhando, inclinado para

a frente, apoiando seus braços nos braços da cadeira como estivesse de asas abertas no momento em que alçaria voo.

– "Napoleão trabalha como polícia e, depois que cumpre seu horário de trabalho, tira imediatamente a farda ou algo que identifique sua profissão, para não ter de correr atrás de nenhum marginal enquanto a vítima e as pessoas da rua clamam por interferência policial" – fala Pedro. – "Não é maravilhoso?" – continua – "Ele é policial enquanto estão pagando; e, depois que larga o serviço, ele vive a vida com intensidade e amor".

– "Você precisa conhecer também o Marcos, ele é um médico que também só trabalha enquanto estão pagando" – fala Pedro, enquanto levanta a cabeça para ver a imensidão do céu preto. – "E" – continua Pedro – "Quando não está de bata branca, se alguém precisa de auxílio médico, segue seu caminho sem olhar para trás e fala entre os dentes: Deixe a natureza seguir o curso".

– "Você precisa conhecer o Apolo" – fala Pedro, baixinho, inclinado para a frente e olhando nos meus olhos. – "Mas ele ainda não existe" – continua.

Eu já sabia, e agora tive certeza de que Pedro estava totalmente louco ou perturbado quando começou a expelir poesias e reflexões desconexas entre gargalhadas:

"O sol vibra para a vida;
A noite vibra para a morte;
Durmo ao amanhecer
E acordo para o
Grande espetáculo do Norte".

– "E sou civilizado porque, mesmo com uma fortaleza em casa enquanto saio pelas ruas sem armaduras e mesmo estando vulnerável, não permito aos outros matarem-me, mesmos que estejam com razão. Minha vontade de poder é tão grande que se expande e dilata em todas as minhas extensões com aquele desejo de um deus que gostaria de liquidar 2/3 da população mundial para eu sentir-me mais valorizado... talvez!".

– "Sou insistentemente superior. Mas eu sou um funcionário de merda e sei que estão já me consumindo".

Vi claramente que Pedro estava muito angustiado, algo perturbava-o muito. Não sei exatamente o que estava deixando esse homem tão revoltado... Mas ele continuou:

– "Eu preciso do meu emprego e sei também que tenho tempo livre para trabalhar. Meu chefe fala que eu tenho mais tempo livre para dedicar-me ao emprego com amor, crescer, ter sucesso e carreira".

– "Eu acho que preciso de tempo livre, coçar o saco e ficar sem fazer nada; preciso também ausentar-me por algumas semanas ou meses da cidade; preciso ver o sol da manhã que me passa a sensação de calor da vida e tranquilidade de um pequeno momento eterno, que muitas vezes coincide com o horário em que eu deveria estar trabalhando. Ultimamente eu tenho andado muito apressado, foram dias tumultuados e frenéticos. Eu estou contando isso a você porque hoje mesmo lembrei que o céu existe; em todo esse tempo eu só via paredes, movimentos, carros e fachadas; olhei para cima e uma nova realidade veio à tona; agora eu pretendo correr atrás de todas as coisas belas que estão para mim esquecidas ou que ainda desconheço, mesmo que exista toda essa revolução proposta pela tecnologia da informática e da internet. Você poderia dizer que isso não é tão importante para mim?!".

– "Preciso, às vezes, beber de dia ou de noite, em qualquer dia da semana. Não gosto de consumir a bebida dos outros, também não gosto de manter longos diálogos e, além disso, também não gosto de manter longos diálogos sobre mitologia e sobre a vida de escritores contemporâneos, modernos ou antigos".

Eu já estava ficando chateada pela quantidade de informação que ele estava jogando. Isso é muito egoísmo, infantilidade; ele precisa ainda levar muita porrada da vida. Vou então finalizar o conto aqui. O que ele continuou dizendo durante a noite toda vou chamar de "filosofia subjetiva de Pedro", o Insistentemente Superior...

***

Contos de Apolo

Contos de Apolo

INTRODUÇÃO AOS CONTOS DE APOLO

O movimento do caos segue com organização divina das deusas Macárias, que interpretam a sabedoria divina delineando e invocando sobre os legisladores a construção das leis em função de organizar a massa, visando o progresso da sociedade e da humanidade em suas determinadas jurisdições. As deusas são o objeto que ata todas as subjetividades da sociedade, na finalidade de construir o bom relacionamento social, a paz, pelo menos aparente, e para conduzir o ser social na forma de adaptar o homem individual na construção e manutenção de sua raça. Alias, já que o homem é adaptativo e que a plebe não se pode governar sozinha: aclamemos a ciência política e demos glória às sempiternas Macárias, deusas da lei e da legislação! O humano é adaptativo e pode tudo suportar... todas as dores; todos os conflitos; todas as vergonhas; todos os mal-entendidos; todos as teorias religiosas; todas as morais; todas as verdades das comunicações públicas; todas as insanidades das crianças; todas as sirenes dos automóveis em serviço público; todos os impostos e tarifas; todos os peixes podres que são servidos aos ribeirinhos; todas as temeridades; todos os prazeres fugazes; todas as riquezas lapidadas; todos as necessidades criadas pelo mercado; todos os artefatos chiques; todos os soros, medicamentos, drogas, cirurgias e transplantes nos hospitais; todas as gotas de veneno agrícola na comida; todas as transfusões de inteligência humana; todas as lavagens cerebrais dos hospícios, dos psicanalistas e dos professores; todos os vermes e bactérias do meio ambiente; é suportável, até, todos os outros animais: cachorros, gatos, elefantes, girafas, formigas, abelhas, dinossauros, tartarugas (...), preguiças, macacos, chipanzés, humanos e ETs.

Apolo disse:

– Caiu em meus esforços a possibilidade de adaptar-me a esse espaço sem o conflito com minhas origens; construído não de tijolos e colunas, mas ascende ao espaço em conflito com a propagação da luz; vibra como o movimento da estrutura molecular interna e externa ao corpo que conduz todas as manchas, cicatrizes e vírus carnais produzindo efeitos e comportamentos que modificam as visões de espaço e tempo subjetivas.

Em um momento de ira e egoísmo, Apolo disse:

– Ser filósofo tornou-se para mim algo importante, desde que eu fosse descoberto pelas autoridades constituídas. Ganhar muito dinheiro

não pelo trabalho ou esforço contínuo e diário, e sim pela potencialidade pela qual represento em construir ou destruir o mundo. Para isso funcionar, temos de vencer algumas batalhas, como, por exemplo, contra a acomodação geral, contra o medo que ainda impregna os mais miseráveis que já viram seus filhos morrerem por imprudência e falta de importância; que, em suma, deveriam ir para a guerra, mas baixam a cabeça para alguém estagiário de uma grande empresa que usa gravata.

Apolo sabe que em unanimidade o povo está insatisfeito e revoltado. Todos eles têm todos os argumentos de indignação contra os estabelecidos da politicagem e da política também. O Apolo anda muito; passa nos terminais de integração de ônibus e sempre encontra um resmungão esperando o coletivo sempre lotado; passa nas rodovias, sempre encontra um resmungão querendo atravessar a rua; vai ao mercado da cidade e sempre encontra um resmungão liso; vai à escola e sempre encontra um resmungão ignorante; vai ao porto e sempre encontra um resmungão extraviado; vai ao trabalho e sempre encontra um resmungão desalmado; vai ao puteiro e sempre encontra um resmungão mal-amado; ele vai à biblioteca e sempre se depara com o bibliotecário resmungão; ele vai ao Centro e sempre encontra todos os resmungões da cidade; ele lê o jornal e sempre mais resmungões; ele fica parado, meditando, e sempre encontra um resmungão assinando contratos; ele sobe as montanhas e sempre encontra um resmungão calado; ele desce ao poço e sempre encontra um resmungão assalariado; enquanto bebe o último gole de conhaque, sempre encontra um resmungão alcoólatra; ele gosta de dança e de aventuras, e sempre encontra um resmungão brincando com a vida; ele para de novo e sempre encontra um resmungão vulnerável.

Sua mãe já estava distante. Ela era a única pessoa que o amava... a única que sempre acreditava que ele serviria para algo... tendo uma profissão, um emprego, algo que o tornaria digno. Todos os outros só esperam de Apolo resultados... Ele sabia que não servia pra nada enquanto insistia em seus projetos pessoais.

Embora ele tivesse um emprego, suas portas estavam abertas e todas as pessoas viam nele a possibilidade de manipulação. Esse, desde já, não é o Apolo... esse é o Pedro!

Pedro estava esperando o ônibus. Um coletivo parou na parada, várias pessoas subiam. Ao meio delas ele perguntou se aquele iria ao seu destino. Esperou uma resposta. Alguém de dentro do ônibus com a

cabeça e o braço para fora lhe deu um belo tapa no pescoço! Pedro virou e olhou. O outro respondeu: “esse não vai!”. Pedro agradeceu.

Ele passava agora em uma rua que dividia dois campos de futebol, uma rua vazia e de pouca movimentação, onde, à noite, é utilizada por fumantes de maconha e por casais aventurosos. Umas três horas da tarde, Pedro caminhava tranquilamente enquanto vinha apenas uma outra pessoa que começou a berrar da outra calçada o nome de um vereador do bairro que nunca havia sido eleito. Pedro achou aquilo estranho... Mas por que deveria se importar com isso?

Foi em insônia, querendo sair do quarto, mas não podia, pois temia acordar alguém, que percebeu que estava tudo muito estranho, incontrolável, irremediável e são o suficiente para não ter forças para mudar algo. Isso na noite em que ele resolveu não se masturbar antes de dormir.

Fechou os olhos... olhou para cima e viu um céu azul-claro, nuvens brancas passando. Estava na rua da casa de seus pais que tinha uma coloração diferente em torno das dez horas da manhã.

Pedro via urubus circulando enquanto estava deitado no chão de seu quintal, tomando banho de mangueira. De vez em quando escorregava no chão com seus irmãos, todos pelados.

Em menos de um segundo tinha formado uma gangue com todos os moleques da rua, alguns que nunca tinha visto, para capturar todos os gatos de rua. Todos os gatos capturados ficavam detidos em duas penitenciárias: uma era uma grande mesa com muitas gavetas e a outra era feita de pedra. Havia um que sempre fugia... esse estava condenado à prisão perpétua. Pedro era reverenciado por muitos, graças à sua crueldade com o trato aos gatos... era gato na parede, gato ao ar, gato com lama na cara...

Tinha agora uma bicicleta, encontrada em um lixão, sem selim, sem pedal, sem corrente e sem freios, que só servia para descer ladeiras e ajudava a carregar garrafões de água.

Pedro subiu em um jambeiro de seu quintal; milhares de vezes já havia subido... Construía casas na árvore; usava um galho como passagem para uma enorme laje... Dessa vez estava ele lá, apanhando jambos, comendo e jogando para seus colegas que estavam no chão, esperando. Quando de repente, indo mais para a ponta, o galho em que estava em cima quebrou... Pedro ficou pendurado, desesperado, pedindo ajuda. Olhou para baixo e viu seus amigos disputando os jambos mais maduros do galho que havia caído.

Já em Mojuí dos Campos, pula de uma mangueira para o igarapé, onde muitos já morreram caindo da árvore, batendo com a cabeça nas pedras da margem. Lá, também, encontrou uma seringueira que já levou muita teçadada, que pendia de seu tronco algo meio amarelado, que lhe chamou a atenção pela sua liga meio elástica. Descobriu que seria látex e poderia fazer borracha com aquilo ao colocar no fogo. Colocou em uma velha panela de alumínio e pôs ao fogo que havia feito. Com tudo ali, saiu. (Em Mojuí dos Campos, algumas casas têm quintais enormes que se estendiam como uma ladeira até um igarapé de água parada, onde Pedro já tomou banho, tendo como resultado uma doença que com muita dor o fez mijar sangue... deixando de ir ao Alter do Chão, que é tradicional da família no primeiro dia do ano.) Quando voltou para pegar a borracha, não viu nada além de cinzas e uma escultura de alumínio. Daí, juntou muitas panelas, que eram comuns nesses quintais, e preparou uma coleção de esculturas, cada uma mais bonita que a outra.

Lá também tem muitos açougues. Pedro ficou sabendo que a gente podia comer a tripa do boi, e como tripa é algo que se jogava fora, pediu do açougueiro vizinho um pedaço. Preparou o fogo, a grelha e lá depositou a tripa... depois de um tempo, já muito ansioso, resolveu comer um pedaço... deixou o resto apodrecer ao fogo e ficou durante três dias com os lábios grudados por causa do sebo da tripa do boi, que não foi lavada.

Daí subiu em jaqueiras; pegou carona na carroceria de um caminhão madeireiro; preparou isca com farinha molhada para pegar peixes. Quase foi esquecido em uma pequena ilha de areia, quando não conseguia subir pela frente do barco em sua partida.

Selecionava agora as melhores de um lamaçal de mangas e depois começou a pular em uma montanha de cascas de arroz; devia ter uns trinta metros de altura. Vale lembrar a coceira que ficou quando chegou em casa.

Ele está agora entrando em um igapó atrás de um porco que havia fugido; não conseguiram nada, o porco era muito rápido e Pedro nem chegou a ver o tal porco. Só seguia algumas coordenadas de seu tio e dos outros enquanto ia pra lá e pra cá no meio de toda aquela lama.

Ele sempre foi pobre e não é agora que deveria se preocupar com dinheiro e com uma cartinha azul de cobrança do banco.

O que realmente somos não está gravado em nossas memórias. Esquecemos todas as nossas dores, todos os conflitos passados, todas as necessidades de uma pessoa saudável, todas as necessidades emocionais,

tudo mais quando estamos em uma reunião da empresa ouvindo aquela velha lógica administrativa motivacional de um chefe mané.

E esses fatos foram os primeiros que fizeram nascer o homem Apolo.

Primeiro conto de Apolo

Apolo deveria vir a mim com menos orgulho. Ele é muito odiável.

– Oi, Valquíria! Não estar alienado é uma condição que ninguém alcançará enquanto vive no seio de uma cidade, mesmo a vendo crescer, seja em que sentido for!

Ele sempre chega nos metralhando de informações, revoltas, terrores e muita babaquice, sempre dizendo: – Vam...

– Vamos comigo destruir tudo isso; toda essa cidade! Agora!

Ele está enlouquecendo. Faz-me lembrar anos atrás de minha vida, na qual, abandonada pelo meu ex-marido, o pulha, mato meus três filhos que tive; onde na sequência fui ao *shopping* com o machado na cintura. Apolo ainda hoje curte com a minha cara por esse fato, lembrando que eu poderia ter matado muito dos que estavam ali dentro, também. Sei agora que estava naquele local apenas fazendo volume. Eu arrependo-me muito de ter ido pra lá.

– Apolo!

Chamei a sua atenção e perguntei:

– Por que você insiste em destruição, morte, guerra civil... você não pensa nas crianças, mulheres e velhos?

Não respondeu nada, bebeu sua cerveja, olhou para o outro lado e fez menção de levantar. Segurei-o pelo braço.

– Tanto eu como você acreditamos na existência de privilegiados nessa república, sabemos que tanto eles, que muitas vezes não sabemos onde encontrar, como também os idiotas que estão em todo lugar, devem morrer! Mas o que seria uma cidade? Você já pensou em ser eremita?

– Já, mas não há lugar para um eremita nem na floresta amazônica; está tudo sondado. No mercado de merda, de invenção de necessidades, de valores efêmeros, negociaram a nossa vida. Os idiotas trabalham para eles e todas as pessoas ao nosso redor querem que eu seja conivente com tudo isso. É por isso que devemos ter muita ira, armas em nossas mãos para conquistar nossa dignidade, assim como muitos otários fazem apenas para conquistar comida, circo e conforto.

– Apolo! Eu estou escrevendo um conto que fala sobre...

– Deixa dessa porra de literatura... Ninguém lê nessa cidade. Você quer ser eterna? É isso que quer? Ninguém ensina a ninguém a ser gente. Eu ando observando aqueles artistas de rua, é muito difícil ver alguém dando uma moeda para eles; porém, muitas pessoas param para olhar, as crianças puxam seus pais. Veja que esses artistas estão

sempre existindo. Mas esse é do mesmo tipo de artista que cria novos conceitos visuais para embalagem de produtos que serão vendidos no supermercado?

Distraí-me olhando em direção ao banheiro e disse a ele:

– Vou ao banheiro. Você tá a fim de um teco num pó? Ele negou. O banheiro estava, como sempre, lotado; muitas mulheres se acumulavam na porta. Então saíram duas mulheres e um homem do banheiro feminino. Pouco depois, entrei. Uma garota que me conhecia travou a porta com a mão, perguntando se podia entrar junta. Eu permiti, fiz o que tinha para fazer ali e ela disse que sabia onde conseguir mais pó, eu pedi que me desse o toque. Voltei para a mesa e lá estava Apolo inquieto como sempre. Ele disse:

– Eu ainda penso em ver uma bomba estourando, quebrando as conexões dessa cidade, parando tudo... Algum dia, quando eu sair de um hotel, de ressaca, o sol maldito do meio-dia fechará seus olhos e as pessoas já não estarão ali, na rua, naquela correria: comprando, vendendo, com sacolas na mão e bíblias no sovaco, e os adolescentes não estarão na esquina pensando: "Aquele ali é doido mesmo".

***

Conto do deus Apolo

No Olimpo

Entro na sauna de Apolo, onde ele costuma passar o tempo, como havia me chamado e falo:

– Meu mestre! Aqui estou.

– Estou passando ao lado dos deuses do Olimpo por uma grande crise. Quero que me relate o que se passou com o humano Apolo após a minha partida, quando ele tinha apenas sete anos.

Permaneci calado, não entendia a tal preocupação com a vida de um homem que já morreu. Mas ele continuou:

– Grande foi o humano Apolo. Afirmo categoricamente a não possibilidade de investigar a origem de homem tão anormal, já que me é muito estranho existir a possibilidade de um humano desprovido de qualquer egoísmo e de egocentrismo, pelo menos aparentemente. Com grande prioridade procuro conhecer o mistério do humano Apolo. Eu poderia o ter procurado, mas agora já está morto. Sou o deus Apolo, e divindades não podem ter dúvidas e não podem ser ultrapassadas. Investigarei toda a vida do homem Apolo, com o propósito de recuperar a minha abalada moral, minha credibilidade e para clamar aos imortais um novo ciclo de paz e tranquilidade entre os deuses. Todos os deuses estão repudiando-me e tratam-me com desdém. Querem-me longe da crença das pessoas e das igrejas que pregam o culto aos deuses do Olimpo.

Nesse momento, ele parou de falar enquanto ligava as bolhas de sua banheira de hidromassagem. Estava muito pensativo e nervoso. Falou:

– Macárias, Foram derrotadas e atribuíram a mim tal transtorno. Estou perdendo meu poder de deus. Vão me transmutar em demônio e todos eles julgam que sou o deus que dá a possibilidade ao humano de potência que supera as possibilidades de previsões divinas! Vão me colocar longe dos cultos das pessoas de bom coração e de boa-fé. Isso tudo por conta da minha virtude cedível em bênçãos, virtude essa que me culpam por permitir que um humano possa quebrar com sua natureza saindo de nosso domínio; se sair um, pode sair outro! O que seriam dos deuses se não fossem as pessoas? Irão me cultuar os revoltados, os mal-amados, os sabotadores do sistema, os satanistas, os descrentes, os suicidas, os homens sem futuro etc.!

E eu espontaneamente lhe perguntei:

– Que é isso? Você está tão revoltado!

– Ele recebeu o meu nome sob batismo estritamente grandioso em veneração, em ação de graças. Desejou, em sua infância, sabedoria, força, vigor, beleza e destemor para honrar o meu nome. E eu, o descuidoso deus, não lhe medi as forças, e rompeu os limites de minha proteção. Não meditei sobre o destino do meu protegido e ungido servo, em sua sonhadora infância, muito me perturbava por ele sempre ter se portado ao meio de seus amiguinhos da escola como uma criança diferente.

Nisso que Apolo falou-me, acontece que não me veio como uma certeza, talvez esteja querendo distorcer os fatos, ou mostrar a desimportância de considerar a infância de Apolo para o desenvolvimento de sua biografia. Guardei-me nesse impasse, não sou de contrariar os deuses do Olimpo, então pensei bem em minha frase e disse:

– Apolo foi uma grande criança, como você já sabe muito bem da sua vida, tanta veemência à sabedoria e à verdade. Segurava com força suas emoções, anseios, necessidades, interesses e até mesmo os movimentos fúteis de seus braços quando andava pela rua. Todos seus atos eram todos bem calculados, de acordo com as necessidades racionais. Não costumava gritar, correr, sorrir ou dar atenção aos outros que queriam de si cumplicidade com as brincadeiras que não tinham nenhuma necessidade racional. Era uma criança diferente; soube muito cedo que ia morrer; viu em suas reflexões a necessidade da busca da moral, da verdade, dos bons costumes, da manutenção em estado puro de vivência sem pecados; refletiu sobre a necessidade da vida e de sua forma de condução em regras e em amor ao próximo; tudo em prol da finalidade final da vida: a vida que está além, a vida eterna.

Apolo refletiu sobre o que ouviu. Percebeu que seu protegido estava muito dedicado em ingente afã pela verdade, pela redenção de seus irmãos e que já via em si o caráter de redentor de todos os outros que se manifestavam na cidade em selvageria. O Apolo humano ansiava com uma forma de vida, ao que é permitido somente aos deuses: a vida eterna. Pelo menos foi isso o que senti de seus pensamentos em seu olhar de deus; posso estar enganado, pois não tenho outra referência maior que a minha imaginação artística. Enfim, ele me perguntou:

– Conte-me o que se procedeu após os seus sete anos de idade. E diga-me o que surgiu na cabeça de Apolo desde então, para na idade adulta proceder com tanto repúdio às deusas Macárias. O que é muito contraditório com seus anseios infantis e com a bênção do meu nome.

Guardei-me nesse impasse, não sou de contrariar os deuses do Olimpo, então calculei minha frase e disse:

– Eu, como um bom guardião da memória dos acontecimentos de tudo o que passou pelo vento e pelas tempestades, tudo está ao meu alcance o que um dia já vibrou nesses movimentos. Estou aqui para tentar lhe ajudar nessa busca. Revelarei, desde que me seja possível, o drama que ocasionou tal desastre durante o passar dos segundos desse herói que não trilhou o destino dos animais.

Mas Apolo insistiu que revelasse não só os acontecimentos, mas também em ideologia, em ideias e em psicologia o que realmente levou o herói a tal brutalidade, pensando que eu poderia lhe dar todas as respostas para livrar-lhe da zona do culto sem moral. Não desejo semelhante questão a nenhum deus do Olimpo, mas isso que me pede é uma impossibilidade, porque as ondas neurais e nervosas nunca puderam e nunca oscilariam ao ar, que é o meu domínio; logo lhe respondi:

– Farei o que posso, não sou deus em tal valor, então respeite minhas limitações!

Ele já estava condenado, mas insistia em conhecer, pelo menos para não ser decapitado sem saber o porquê. E Apolo, sem mesmo me ouvir, já angustiava.

Sentei-me na banheira, mexi com a mão a água para medir a temperatura: estava ótima. Apenas um manto cobria-me do tronco ao joelho; despi-me. Entrei em movimentos suaves para não perturbar a concentração de Apolo. Mergulhei ao seu lado enquanto ele fazia pose de pensador. Balbuciei:

– Não posso lhe livrar dessa dor eterna, que tanto já castigou Dionísio, o meu amigo íntimo que ainda procura em mim resposta ao movimento dos animais pelo amor que vibram ao vento, mesmo no eterno repouso intranquilo, mutilado: é como vem passando no outro lado, após os domínios do Valhalla, como demônio. E ele passou pela mesma dificuldade que você, já foi um grande deus, muito cultuado... Dotou o humano de grandiosas possibilidades... Cultivou o amor, as alegrias, as bebidas, os fumos e todas as possibilidades de paz entre os homens... Hoje, muitos deuses sofrem pela sua distância e pela falta de seu carisma aqui no Olimpo. E ele não foi transmudado em demônio por ordens divinas, foi pelos humanos... Foram pessoas que adoravam Dionísio que ergueram as leis moralistas que subiram à opinião pública e aos manuscritos que definem as verdades absolutas.

Poucos, timidamente, cultuam Dionísio hoje, não como deus, mas como um sentimento preso, um demômio.

Apolo pulou da banheira e gritou em ameaças:

– Dionísio, não tem nada a ver comigo. Como sugeres... Eu é que sou o mais baixo entre os deuses. O que é grande é a divina providência... Que está além de todos os deuses!

Saí também da banheira, pequei em seu ombro. E em um abraço de amigo, falei suavemente em seu ouvido:

– Não sejas estúpido! Conto apenas um fato que me veio da memória. O que queres saber sobre o espírito do herói humano, você já sabe! Mostrou que sabe quando narrou o desenvolvimento de sua infância. Na infância, ele desenvolveu o espírito de amor à verdade e sem limitação alguma. Sem pudor nenhum desejou com todo o espírito o grandioso sentimento de vitória que nenhum adulto tem em possibilidade, a menos que na infância tenha tanto desejado, formando em si uma espécie de dom, aptidão. Fora esse sentimento, o homem é apenas um animal que tem fome...

Eu percebi que ele olhava para um ponto da sauna bem distante e estranha, e exclamou:

– "Por que me falas isso? Eu vou para o inferno!".

Empurrou-me com violência.

***

Segundo conto de Apolo

Capítulo 1

A Verdade da qual Apolo defende, define sua coragem. Assim, ele disse:

– A verdade já não vacila procurando; por ela, não ouso em dialética discutir. O sentido que não há em íngreme ordem convencionada na qual abdico. Eu sou a verdade subjetiva!

E ele continua:

– Fui inserido num universo infinito em forma de um ponto, dentro de um sistema opaco e vazio já construído.

Um pouco distante na mesma cidade, um poderoso fala para os demais:

– Temos lei que prevê a liberdade de expressão, a rigor onde se defende esse agitador. Em siso preveem o fenecer de uma prístina estrutura, instigantemente convencionada por sua estirpe. Salvem as deusas que sobre seus destinos acolhem nossa linhagem de puro sangue; salve a vitalidade das guerreiras Macárias! Deusas vitoriosas! Vigor e sabedoria são artigos de sua legislação. Louvores são as rochas riscadas pelo som de suas lanças de batalha, formadas com rasgos informativos de legislação e de boa conduta humana. Salve a moral! E não será esse pecador um perturbador da ordem e das crenças da população.

– Heresia – outro fala. – É o que corrompe o pensamento do inimigo! Sob prisão preventiva, deve aguardar a inquisição.

Unanimidade sobrou no acordo dos que possuem o potentado, sim, que pode destruir multidões.

Muitas atenções despertam e afetam sobre as pessoas formadoras de opinião, que em diários relatam altivas imprudências no movimentar de alguns rituais, principalmente nos mais macabros, que sacros são perante doações de vida da população que objetivam a eternidade de joelhos à vista na eucaristia com o ser supremo.

– Cautelosos, roguemos – o primeiro fala de novo. – ...pelas Macárias nessa causa tão justa. Temo uma grande repercussão do caso, em prudência promovemos o povo em insurreição pode agir.

***

Capítulo 2

Mateus, pastor de uma igreja, estava no momento do prazer da leitura, quando subitamente lhe tira a concentração sua filha de 16 anos, informando-lhe de uma visita:

– Talvez um amigo! – e acertou na sugestão Micaela, visto que ambos cumprimentaram-se como velhos amigos.

Um pequeno papel, Mateus recebeu do seu irmão político. Estava marcado o dia: próxima quinta-feira; a hora: 21; local: no sítio 'Refúgio do sol-poente', de poder do empresário Erm e a senha de tal confraternização: 'Fidélio'. Talvez uma reunião, uma refeição, ou um grupo de amigos. Recepção calorosa que lhe restou o desmarcar de compromissos da quinta-feira e do dia seguinte.

Oh, doce Micaela! Sábia ninfeta, amores não lhes faltam nas noites em que seu pai está em reunião com seus irmãos da Ordem das Amazonas. Em sua agenda listam-se inúmeros telefones, de homens que lhe atiram seus cartões pelo vidro do carro, quando vislumbram o caminhar solitário de sublime jovem, quando vai a pé de casa à escola e da escola para a casa.

Sua mãe, uma mulher melancólica, tão simples que não lhe adiciona restrições e nem punições; apenas cozinha, lava, passa e reserva o bem-estar da família nos seus deveres domésticos.

– Micaela, liga pra mim! – nos pensamentos dos empresários, políticos e cléricos. E enquanto isso, na escola, Micaela com desdém olha aos seus apaixonados, para um deles pergunta:

– Que tarefas de aula temos para entregar amanhã?

Os nervos seguram a respiração de seu admirador na resposta. Motivo de risos do seu amor...

Ele, no entanto, forma-se em grandiosas canções de mestre, em finalidade de aguçar na mulher Micaela os seus desejos mais íntimos que possam lhes unir. E assim ele, em seu quarto vazio, ouvindo alguma música clássica em um aparelho de som velho, que é necessário algumas porradas para funcionar, com uma das caixas de som estourada, pensa:

Sublime Micaela! Conduzo-te ao teatro dos meus sonhos, onde eu sou o maestro que rege a majestosa nona sinfonia de Beethoven. Em esforço, movimento e expressão de sentimentos, que a ti vibra-se o ar em melodias; tu que, na plateia, extasias-te em desejo.

Ao sabor do vinho:

– Morrer por ti é o que interrogo em meu tímido quarto de dormir, enquanto em desejos te amo.

Ao vapor do tabaco:

– Eterna! Voa em magia... A ti, as artes, com a qual ingente força me afano, são eternas...

Sussurros em paladar vos aprecia:
– Em sabedoria, Micaela te conduz.
Acalenta melancolia em altissonância!

Vigor de poesia vibra-lhe os cabelos ao vento.
Seios que não acolhem bem a erudição,
Em fantasia de intelectual, não perde o viço!

Micaela suborna por sua qualidade de vida,
Sob apreços, tão feminina, como lhe é peculiar,
Vaga sem vacilo nos cérebros de sábios homens.

Convoca-se em reuniões austeras, em entredúvida...
Em composições de diferentes timbres e frequências,
Como que para manter a harmonia da música,
Micaela expõem sua voz abordando a dúvida
Que muitos evitam propor aos semelhantes.

Guarda em pudor setenta por cento de beleza vênus.
Em célebre divindade, acolhe todos os fluxos...
Todo vigor de humana sabedoria.

– Micaela! – chamou à sua presença Mateus.

– Estou ocupada! – respondeu.

– Preciso falar com você! E deve ser agora!

– Então dá pra esperar um pouco! Por favor!

Depois de terminar com a maquiagem, chama o seu pai para entrar em seu quarto.

– Oh! Micaela! Preciso falar com você, e deve ser aqui na sala!

Micaela nada respondeu. Um pouco depois, grita:

– Tudo bem! Já estou chegando aí.

– Pode entrar! O que precisa falar-me?

Mateus entra, reflete um pouco o que deveria falar e não esconde o medo, já que o quarto de Micaela era tão luminoso e intimidava o que deveria falar a ela. Seria um pedido não tão apropriado para um pai. Então insistiu mais um pouco em levar Micaela à sala, que era um ambiente mais acolhedor.

– Micaela, vamos lá pra...

Micaela puxou-o pelos braços tentando, à força, sentar seu pai na cama. Ele caiu sobre ela como um desconserto. Ela ria enquanto ele desconfortavelmente rolava sobre as pernas de Micaela. Quando se recompôs, sentou ao lado dela e resolveu falar ali mesmo:

– Minha filha! Você conhece um homem conhecido como Apolo?

– Não! O senhor acha que devo conhecer todos os homens dessa cidade?

– É claro que não! Peço que não pense que estou querendo induzi-la. Mas preciso de um favor seu. Vou ser breve! Já que você não é mais a criança que eu colocava em meu colo.

– Meu pai, não me faça entrar em uma situação embaraçada. Me poupe de qualquer mal-estar.

– Não tenha medo! Compreendo que mesmo por falta de costume não vai se dar mal; mesmo que me seja difícil afirmar isso.

– Fale então o que precisa, meu pai querido.

Micaela não dispensava a possibilidade de naquela situação ensaiar uns carinhos afetivos em Mateus. Enquanto ele já sentia uma resposta afirmativa.

– Preciso que traga a mim esse Apolo. Aqui está o endereço. Creio que você sabe como proceder!

***

Capítulo 3

Apolo corria entre as ruínas de uma antiga casa, atrás de uma mulher, em brincadeira de pegar o outro. Corriam e esbanjavam grandiosa alegria infantil em tal divertimento, emanava em mim uma sensação de paz e alegria eternas. Passavam pelas portas arrombadas, pulavam as janelas sem trinco, corriam pelas colunas que não seguravam mais o teto. Ele corria tão rápido como que se ceifaria dele a vida se ela o pegasse. Quando atingia certa distância, escondia-se entre as paredes mucosas, mas ele não segurava o riso, e ela sempre o encontrava. Mudaram a brincadeira, e agora a linda mulher corria atrás dele. Ela subia sobre os podres móveis, e ele tentava apalpar, no mínimo, sua saia que subia sobre o alcance de suas mãos, mas ele nunca a segurava com firmeza. Ela subia sobre uma grande mesa de reuniões no centro de uma sala pouco iluminada; mas de onde Apolo estava, em afã perpétuo, só via de longe um lindo vestido branco com estampas de flores vermelhas. E ela corria muito, pulava, balançava o vestido que lhe cobriam as canelas, e não deixava de sorrir. Ela resolveu correr atrás dele; corriam agora já fora da casa; passavam pelo quintal; pulavam os canteiros; corriam no jardim; corriam no meio da natureza seca, de flores fechadas; brincavam no crepúsculo das 18 horas. Tudo agora já era tão misterioso: uma brincadeira infantil, em volta de uma ruína de uma antiga casa; talvez uma mansão, um castelo, uma residência que nunca havia sido habitada ou poderia ser uma representação de uma história de assassinato e almas penadas, mas nada que possa ser provado. E eles corriam... ele enfim parou... caiu ao chão de peito para cima... quando ela já não estava correndo atrás dele como mulher... ela era agora uma criança... transmudou-se em uma criança, e estava despida... uma pequena e ingênua criança, ela sorria. Deitou-se ao chão olhando para a lua.

Apolo saiu. Estava caminhando com uma amiga sua, conversavam fraternalmente enquanto sentiam mútua alegria em tal relacionamento. Eles passaram próximo à casa dela... mas passaram apenas próximo, e seguiram um outro rumo, juntos... (ela não o levou à sua casa para não aproximar suas lindas filhas dele... e ele não insistiu porque, como estava na hora do almoço, sentiu que poderia ser um incômodo; queria ir lá, mas poupou um possível conflito com sua amiga). Subiram os dois em uma construção quando se aproximava um gigante. Um cruel gigante solitário que mata para se impor ao meio da sociedade. Subiram

ao edifício, mas não o suficientemente fora do alcance dele, quando um corajoso ser aproximou-se e desviou a atenção do gigante. Ela e eu, como uma possibilidade da natureza, nos transmutamos em duas pequenas porções de massa com consistência de farinha de tapioca com aproximadamente cinco gramas cada. Nós cabíamos na ponta do dedo indicador do ser que nos salvou. Ele nos carregou consigo entre seus dedos. Pressionou as duas massas, as duas pequenas porções, ela e eu, fez de nós apenas uma pequena porção de goma de mandioca.

***

Capítulo 4

O telefone tocava. Ao acordar, como se livrasse de um perpétuo círculo, em caleidoscópio, visões oscilavam na memória; estava de ressaca. Acordara mijado em um hotel do Centro, com fome e com o telefone insistindo em avisar que o tempo de hospedagem havia esgotado. Arrumou o que podia para ter como sair, já não tinha nada de dinheiro. Estava pesado... muito pesado. A porta estava entreaberta, alguém da faxina havia dado uma olhada a fim de saber se o quarto estava desocupado, logo após Micaela ter deixado o hotel sem acordar Apolo. Com sua roupa úmida, atravessou a porta; desceu as escadas apoiando-se no corrimão da esquerda; perguntou se estava tudo ok na recepção e encarou o sol do meio-dia na movimentação de pleno sábado.

Havia rolado uma pequena festa na noite anterior entre amigos, poetas e outros loucos, onde conhecera Micaela.

Não foram poupados os pudores dos mais tímidos entre estes seres; Micaela sorri para Apolo. Em resposta, pega-a pela nuca e sobem-lhe as vestes. Apartam-se dos demais. Sábio em rebeldia, também sábio em deleites. Conduziu Micaela com sua força singular de homem.

– Vinho para Micaela, vinho para mim e vinho para todos presentes. Súbito, em quarto reservado, invade Matilde com uma taça de vinho na mão, agarrara o casal; em desenfreio, beija-lhes em fúria, revezando afagos entre um e outro.

Micaela, à visão da comunidade, é a mais discreta entre Apolo e Matilde em tal impuro comportamento. Repúdio moralista revela-se vil, em face de Apolo e Matilde; ambos amam na vida o prazer que não poderiam instigar aos compatriotas.

Terceiro conto de Apolo

Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou Deus!
Álvaro de Campos

Quando Apolo foi deixado de fora das celas, deixou também o meio hostil que poderia lhe custar o livre-arbítrio. Já estava sentindo que sentiria a falta de Matilde quando resolveu partir.

Angariou uma canoa e, no fluxo do rio Amazonas, seguiu ao leito na direção contrária ao Eldorado. Os ribeirinhos lhe tratavam com pomposas acolhidas, pois Apolo é muito carismático. De quilômetros em quilômetros, pequenas comunidades, variando de duas a sete famílias, mostravam os prazeres do trabalho em que se dedicavam e no amor aos simples costumes, primitivos no louvor à natureza. Apolo não se detinha por mais de sete dias em cada comunidade.

Entre os nossos ribeirinhos, brancos, mestiços, índios, de várias raças, pescavam, plantavam, colhiam. Seus filhos eram educados nos mitos, para o trabalho e para o amor. Tais contemplações nos costumes locais não detinham Apolo, ele seguia adiante.

O nômade Apolo sentia-se nas terras da liberdade, que o levava sempre para cima, alçando-se aos céus. Em um determinado povoado, angariou umas notas após prestar serviços em uma pequena chácara. Não tardou para comprar umas garrafas de vinho, pois já estava cheio da cachaça que serviam na caminhada. E ali também não ficava, ainda não sentiu o que realmente procurava.

Às 18 horas, Apolo navegava em sua canoa ao ar livre, na margem do rio Amazonas em vazante. A terra caída acentuava a íngreme distância do solo firme ao rio. Apolo gostava, sobretudo, de sentir o confortável ar em movimento que soprava espalhando o cabelo pelo rosto, confortado com uma garrafa de vinho na mão, suspirava o que há de divino em sensações.

Sentia-se, porém, vigiado, mas mesmo assim Apolo sabe que é livre. Talvez um vacilo de sua parte, pois entre as árvores as Macárias já esperavam o melhor momento para o bote.

Vinte e cinco de dezembro... Um, dois e três, Apolo via-se cercado pelas damas da justiça, em *déjà-vu* respirou fundo, agora sob as lanças das Macárias, tragou seu cigarro e inquiriu sobre tão divina visita.

Em brado, as Macárias poupavam sua vida:

– Oh! Homem selvagem, os poderes da oração nos conduziram a ti, sob lanças divinas, já és digno de fenecer...

Apolo, em deleite do vinho, respirava fundo ainda em lucidez para responder a acusação:

– Canto em liberdade de presentear-me pelo fato de eu encontrar motivos além dos deuses para preservação da minha dignidade. Eu sou o que há de mais sublime no espaço! Após minha morte, as flores murcharam, os templos desabaram, as pirâmides já não poderão abrigar meu corpo em mumificação!... o que é banal para vocês grita por um mundo superior e isso me aflige como ser que existe, mas não como um homem moderno.

As Macárias, agora sem motivo aparente para inquisição, sobem as lanças às estrelas, como em dúvida de quem procuram coerentes argumentos que possam refutar os de Apolo, a fim de, em dialética, confirmar o que foi condenado pelas 'Amazonas'.

Apolo sabe que fala a verdade! Porque simplesmente é um homem livre.

– Música é, para mim, o que pode ser ruído ou até mesmo tremor para outros. Sob discursos de leis condenam os humanos. Saiam, damas demoníacas, em volta do meu corpo, pois é para vocês uma fortaleza, pela justiça já não podem condenar. Eu proíbo!

Pelo seu verbo, luzia de si o dom da verdade, o que causou temor, instituindo uma lei entre as Macárias:

– Eu proíbo!

Em euforia, começou um relato quase estranho à situação:

– Panos sintéticos vermelhos, flores roubadas de cemitério, copos descartáveis e seixos de beira de rio; tudo isso forma arranjos de flores, comercializadas a um real cada por uma criança simpática e educada que ainda adverte o cuidado que devemos ter com o fundo do objeto. É como vender poesia para industriários, sempre com aquela velha angústia poética, sempre aquela história de mesmo bêbado sempre estar possuindo aquela sensação de nunca poder ficar chapado o suficiente

e talvez sempre com aquela lembrança no ouvido: o homem vai brigar, menino! Comprei dois arranjos de flores do menino...

As Macárias voaram aos céus em profunda calamidade e vergonha. Antes da líder afirmar:

– Para mim, chega...

Três horas depois, Apolo bebia o último gole de vinho. Quando já guardava sua alegria de vitória, abria mais uma garrafa de vinho enquanto fumava tabaco. Já eram umas 21 horas quando procurava adorar a lua cheia. Deitou-se próximo a uma mangueira, o gramado já umedecia sua roupa, quando procurava fitar o que havia após a lua cheia que clareava seu rosto entre ramos de folhas da enorme árvore frutífera.

A luz espectral que tingia seu par de íris conduzia-o da claridade da lua ao profundo negro do abismo; da escuridão do cosmos que ora ocultam as estrelas até o brilho do rio e volvia-se novamente na sensação que emana da lua. Depois, olhava para um certo clarão ao horizonte sobre as negras árvores onde poderia haver uma cidade escondida ou abandonada.

No clarear do dia seguinte, Apolo acorda em ressaca com um susto...

– Não perturbes a paz! – a Macária-Mãe brandindo sua lâmina que ofuscava a percepção de nosso semelhante refletindo os raios solares.

Protegendo-se com o braço direito, redarguiu:

– Pelo que minha razão permite, o que não compreendo vossa divina providência, sei que meus irmãos, desprovidos de qualquer sentimento de vitória, dão seus depoimentos de angústia na base da injusta pirâmide social. Minha mão não agride como o gume de justiça da vossa sacra espada. Invoco-a nessa causa justa.

– A pirâmide do qual falas, herói herege, é o trono do supremo deus da providência. Somente copulam-se à eterna vitória quem comunga com o pai. A comunidade reunida, organizada e consagrada ao onipresente.

E Apolo começa a falar como se tivesse mais um delírio:

– A importância da vida é medida pela intensidade do gemido de quem está morrendo! Quantas necessidades inventadas... quantos poemas desperdiçados na embriaguez... Minha amada

foi para o banheiro, outras pessoas bastardas sentam-se a mesa. O caos está nos conduzindo, o deus mais forte entre todos os deuses. Queira o caos que eu vá morrer em silêncio! Queira o caos que eu não escute os gemidos estridentes das pessoas-mercadorias na TV Pastora com aquela música triste no fundo! Isso para mim é uma lavagem cerebral.

Apolo toma fôlego, pensando como continuar sua defesa:

– Não acredito nos sorrisos sedutores e simpáticos das pessoas do mercado financeiro, não acredito nelas quando, em face que dar dó, falam: ajude-me, por favor, preciso ainda hoje bater minha meta! Sei que estamos ajudando, na verdade, um enorme sistema de poucas pessoas com padrões de vida elevadíssimos e que não trabalham; sendo que somos nós, da plebe, que precisam de mais valorização pelo trabalho maçante, onde nos tornam a parte exposta da empresa para levar porrada. Sem falar no distúrbio psicológico de ter alguém superior a você, só administrando e enchendo o saco.

Apolo continua mais agressivo:

– Com uma assinatura, não mais com sangue; o idoso cansado; o pai de família que se deixou seduzir; o jovem que não quer apresentar-se como pobre, vendem suas almas para o desenvolvimento da cidade que não alimenta os desgraçados mal vestidos.

Recupera a calma, porém continua o seu delírio:

– De tal forma vem desenvolvendo-se essa cidade, devagar, lentamente, dentro do perfil político que todos já conhecem. O que me sensibiliza no momento não é a corrupção, que é tão antiga e imanente ao homem social, mas essa modernização que vem para a fortaleza de mundos sem vida, que em baixa esfera é luxo de consumo para quem tem fome; democracia para quem sempre concorda com a maioria ignorando o processo de alienação no qual já está viciado; *status* para o pobre feio que nunca vai comer uma prostituta de blazer!

Não permitindo espaço para defesas da Macária-Mãe, Apolo continua falando:

– Eu já tive muitas ideias nesse sentido, muitas invenções no papel e na cabeça. Mas eu quero mostrar apenas como é ridículo

adquirir uma dessas invenções de necessidades que na verdade não convém para a população. A prostituta de blazer nunca irá entender nada. A cidade cresce... pontes são construídas, viadutos, mansões, restaurações arquitetônicas, festivais de ópera e muita vida *underground* sedente no meio de tudo isso... uma cruz no canteiro central, onde morreu um desgraçado, quebrando o projeto de arborização e embelezamento da cidade. Pesquisas, políticas, filosofias, artes, sabedorias e um pouco de gente vivendo.

E, eufórico, finaliza gritando:

– E a puta me disse: não posso mais chorar; eu sei que estou enlouquecendo!

Mais calmo:

– Não me revelam a necessidade da manutenção de seres tão potentados, que têm sobre si o poder de decisão pago por obrigação unânime de tributos de toda a comunidade.

Apolo para de falar, abrindo um espaço para a Macária-Mãe:

– Esses seres ungidos, condutores de confiança dos deuses, de senso de obediência e de ingente força e braveza de luta; e também com outras características que os confiam no poder, acima da massa: são eles, os com bons conhecimentos e pesquisas, possuidores de beleza digna de deus grego, e outros são providos de boa oratória.

E em volume mais baixo, quase imperceptível, no momento em que Apolo já abria a boca na condução da conversa:

– Em tempos bem próximos, desde os pioneiros do poder, ainda em reflexos muito ingentes, podemos contemplar quão poder tem em política e em regimes militares os homens que têm seus órgãos sexuais um pouco maior que os da maioria.

Apolo, não escutando a última frase, prosseguia:

– Deusa Macária-Mãe, lutas pelo rigor da lei. Adorada por legisladores que tentam pôr na constituição todas as possibilidades humanas, pondo em restrição o movimento humano como angústia visceral e acalentam a loucura no manicômio. Não sabes que anseio em profundo estado natural conduzir-me ao infinito do abismo que conduz o deslocamento de todos os corpos celestes ao cabal, o sistema que absorve os seres desprovidos de qualquer vacilo ao estado orgânico mais estável.

– Vai, herói, segue o caminho pelo seu vale da morte, onde não existe céu nem inferno; tens razão, o medo opõe todos os seres que optam pela existência, pela vida e pela pirâmide social a sua forma mais estável. Vou lhe contar um segredo e leve-o contigo em seu caminho solitário:

É estabelecido acima dos deuses e no cume tecendo a existência e manutenção da onipotência da Natureza em algoritmo lógico, pelo menos em prazo indeterminado, que o deslocamento da estrutura social não se pode fragmentar em sua eterna linha. Permite a muitos seres conhecer a frequência e vibração do cosmos, a gama de possibilidades que lhe aguçam os sentidos. A vaidade está de forma permanentemente ligada à existência humana, sendo o fruto proibido que satisfaz em gotas e instantaneamente a fome existencial, aguçando-lhes a vontade pela vida e pela conquista de demarcação de territórios; os mais otimistas contentam-se, além disso com a possibilidade de sempiterna vida. Em antítese, tu te revelas entre eles no gosto da morte; em discrepância, a vaidade que repudias em sentimentos causa-te a perda de tua identidade como humano social.

Silêncio! Em um momento Apolo sabia que já não era mais humano. Enquanto em verdade a deusa continuou o discurso de moral humana:

– Muito as artes entretêm as pessoas e revelam aos deuses o que não permitem suas imaginações divinas. Renunciais à proteção das mãos da volúpia, do vinho de Baco que apresenta as possibilidades ainda não experimentadas que outrora limitada pelo pudor humano. Eis o ser que renegou as alegrias dos eternos.

– Vá pelo seu vale da morte, herói solitário.

A grande deusa Macária-Mãe não sentiu que estava ultrapassando sua divina jurisdição. Do alto, veio em forma de vapor a intervenção divina, lançando-a nas águas, transmudando-a, conforme lei superior à esta deusa, à natureza em sereia, Iara. Conduziu-se no rio em fúria, movimentando a correnteza em pororoca. De onde seduziu Apolo, o pequeno sol.

Não se sabe dos comprimidos da verdade que não foram extraviados. O fim continua!

FIM

***

Este livro foi composto pela Gráfica Zilo para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m^2 em abril de 2012.

Passei por muitas galáxias para estar lá; fui para levar a sua mensagem. Voltei, mas com um certo receio... Você é para mim uma certa ilusão nesse palácio de mármore; branco como o infinito e o nada. Dizem no mundo dos escritores que entrar aqui é ser esquizofrênico e quem não se arrisca entra em uma gaveta escura e depressiva.

TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES